

Extinção do Fundeb pode ameaçar o ensino básico

Proposta que tramita no Congresso desde 2015 precisa ser votada nos próximos meses para garantir continuidade do Fundo. [Página 16](#)

Entrevista



Educação Presidente do Sindicato dos Professores da UFPB faz críticas às políticas federais para o ensino. [Página 4](#)

Cultura

Série do Canal Brasil tem foco no Cariri paraibano

‘Ouro Velho, Mundo Novo’ busca inspiração na estrutura literária de ‘Os Sertões’ para abordar a poesia popular do Nordeste. [Página 9](#)

Diversidade

Estados do NE se unem para preservar riquezas naturais

Parceria entre o Consórcio Nordeste e o MapBiomas vai mapear o uso da terra e os resultados irão nortear políticas públicas para o meio ambiente. [Páginas 13 e 14](#)

Foto: Fotos Públicas

Paraíba



Dia do orgulho LGBT+ Celebrada dia 28 de junho, data marca a luta por direitos. [Páginas 7 e 15](#)



Foto: Divulgação

Fiéis católicos celebram o Dia de São Pedro

Data será festejada, hoje e amanhã, sem a tradicional procissão marítima, com número limitado de pessoas nas missas e transmissão das missas pela internet. [Página 3](#)

Foto: Teresa Duarte



Cabaceiras A terra do Bode Rei ganhou fama nacional por servir de cenário para produções cinematográficas, novelas e séries e virou a “Roliúde Nordestina”. [Página 8](#)



Correio das Artes Edição de junho traz reportagem dedicada à Wills Leal, pesquisador que deixou um legado importante sobre o cinema da PB.

Almanaque



Foto: Arquivo

Ventríloco Cilaio Ribeiro encantou a PB na primeira metade do século passado com seu amor ao teatro de bonecos. [Página 17](#)

Editorial

Questão de gênero

Imagine um país que tivesse apenas dois poderes: um da Vontade do Presidente da República, e outro do Braço Armado da Nação, este para obrigar o povo a obedecer ao primeiro. Seriam admitidas a divisão da vontade presidencial entre seus familiares e a cessão de armas às milícias, criadas para evitar a sublevação de setores sociais eventualmente contrariados.

Para melhor exercício do livre-arbítrio – artigo e parágrafo únicos, da Constituição outorgada -, o ocupante da cadeira presidencial seria auxiliado por uns poucos ministérios. As pastas do Gabinete do Ódio e do Escritório do Crime, por exemplo, atuariam, juntas, na defesa da desordem jurídica, dos estritos direitos políticos e das excepcionais garantias constitucionais.

A saúde pública não teria ministério. De acordo com a vontade presidencial, os profissionais de saúde – médicos, enfermeiros etc. – seriam donos dos próprios narizes, e não precisariam de ninguém ensinando a eles o que deveriam ou não fazer. Pelo sim, pelo não, seriam controlados por um subministério, do tipo Imunidade de Rebanho, para tratar de pandemias ocasionais.

O meio ambiente também estaria livre de controle social. O princípio da autonomia em relação a tudo, menos à vontade presidencial, seria aplicado às atividades exploratórias dos recursos naturais, podendo cada um, de acordo com os seus interesses e possibilidades (ver o princípio miliciano), devastar florestas, extrair minérios e ocupar áreas de preservação ambiental.

O contraditório poderia ser resolvido no braço ou à bala. Se o argumento de um contendor for melhor que a razão do seu oponente, em um determinado litígio, o primeiro poderia ser legalmente contestado pelo segundo com um murro ou dois tiros no peito, e estaria tudo resolvido (desde, evidentemente, que o lado abatido não estivesse sob a proteção da vontade presidencial).

Por incrível que pareça, a pasta de Educação teria a ver com pasto. Porém, cabe parar aqui com esta fantasia, embora valha a pena ressaltar, antes de mudar de assunto, que não se deve negligenciar quando há indícios seguros de que a autocracia tem chances de se instalar. Nesse caso, um povo deve se acautelar, para evitar que certas realidades sejam interpretadas como ficções.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreirafanco46@gmail.com

Manhãs, tão bonitas manhãs!

Quando nos conhecemos, ele era Biu Caveira. Não me ocorre que alguém o tratasse assim pessoalmente, mas o apelido circulava pelos corredores do Liceu como estigma da sua magrez esquelética. De tão franzino, usava regularmente camisa de mangas compridas para esconder o feitiço mirrado dos braços. A farda do colégio, porém, expunha a configuração delgada ao sarcasmo dos zombeteiros, daí o cognome na surdina. Vinha de Jaguaribe, meu bairro de nascença, dele por adoção. Tínhamos, de cara, isso em comum, embora sendo o vizinho natural de Ingá do Bacamarte. E passaríamos a ter maiores afinidades desde que nossos destinos se cruzaram em uma classe da terceira série ginasial. Selamos, a partir de então, uma eventual parceria inusitada. A bem da verdade, não no confinamento da sala de aula, mas a céu aberto, sob a cobertura vegetal da Avenida Getúlio Vargas, em frente ao colégio, e cujos ventos sopravam na direção da Primeira Igreja Batista. Foi ali, aos pés da entrada do templo, que ao longo de um ano inteiro nos dedicamos ao procedimento da gazeta. Dedicção tão intensa que por ela pagaríamos um preço muito alto, com juros cobrados em casa pela ira dos pais indignados. Fomos reprovados por excesso de faltas.

O ritual começava geralmente logo após a segunda aula, na prática matinal que antecipava o intervalo para recreio. O Liceu, por obra do governador Argemiro de Figueiredo e graça do arquiteto Clodoaldo Gouveia, não é cercado por portões e muros altos como o Colégio Pio X. Guarnece a construção uma extensa mureta encimada por quilométrico cano que, na época, costumava servir de assento para rapazes jogar conversa fora ou assistir à passagem das moças ao término das aulas no turno vespertino. Ou seja, os alunos gozavam de total liberdade para o que lhes desse na telha. No meu caso e no de Severino Marcos (era assim chamado por todos; Marcos Tavares apareceu depois), nos coube usufruir a licença de engenharia para gazejar aulas em sequência. E gastávamos horas a fio sentados nos batentes da igreja, fumando Continental sem filtro, a observar o trânsito na rua, o vai-e-vem das pessoas e o movimento na calçada e no hall da Fafi, ao lado. Vez ou outra, aparecia algum gazeador; ninguém capaz de preencher a mesma carga horária. Sobre o que tanto conversávamos? Ora, de tudo um pouco: política, cinema, literatura, amenidades, paqueras, bisbilhotices, a vida alheia. Um ano escolar todinho nessa pisada.

Claro que daquela camaradagem nasceria uma grande amizade. Sentimento que se estendeu e se aprofundou por volta de sessenta anos, com diversos outros marcantes eventos no percurso. Longa convivência que compreendeu a militância no diretório estudantil e no Cine Clube Charles Chaplin, o trabalho em redações de jornal e o lazer em mesas de bar, passando por divertidos encontros com amigos em nossas casas ou de familiares. Foram belos momentos de cumplicidade, nenhum, porém, que me traga tanta recordação quanto a memória daquelas insólitas e bonitas manhãs nos batentes da Igreja Batista. Marcos partiu escondido para as alturas, deixando a descoberto comigo uma lembrança que era tão nossa e que agora carrego sozinho, o peito arfante de saudade.

Política, cinema, literatura, amenidades, paqueras, bisbilhotices, a vida alheia.

Artigo

Sitônio Pinto

sitonipinto@gmail.com | Colaborador

A mulher e o rio

Ela estava sentada na margem esquerda da estrada que liga a Paraíba a Pernambuco, ou seja, a BR-101. Era meio-dia a pino. Eu vinha do Recife. Há muitos anos deixei de beber e de tomar qualquer droga, maconha idem. Mas eu vi, não foi alucinação. A mulher era linda e jovem; seu vestido tinha as alças caídas, ela estava na posição de lótus, com os lhos cerrados

Anos antes, eu tinha visto uma âncora vermelha pendurada numa árvore a poucos metros do local onde a mulher se sentara. Lembrei-me de um assalto que sofreram Sivuca e Glorinha, num viaduto do Rio. Bandidos quebraram o pára-brisa do carro deles com uma pedra arremessada de cima de um viaduto, mas eles só pararam num posto de gasolina próximo – onde os aguardava um grupo solícito de desocupados, que se prontificaram a limpar o carro dos cacos de vidro.

Eu calculei que a visão da mulher à beira do caminho podia ser uma isca, e prossegui viagem. Mas no próximo retorno voltei para ver o resultado da âncora vermelha, assim como da mulher encantada. Nenhuma das duas estavam mais lá. Nunca mais vi uma nem outra. Se você tiver notícia de uma ou de outra, cartas para a redação. Em tempo: a mulher serve de qualquer cor.

Toda vez que passo por aquele trecho da estrada, olho para o local, mas só vejo moitas de capim. A mulher sumiu mesmo. Numa situação dessa eu paro, pois sou devoto de Santa Maria Aegipiciaca, e a visagem pode reaparecer. Santa Maria queria ver Jesus, mas não tinha o dinheiro para pagar o barqueiro na travessia do Jordão.

Eram poucos metros para se chegar à outra margem, o Jordão é rio estreito, muito estreito. É mesmo um rio de planalto. Tem lugar que só dá seis metros. Um atleta pode transpô-lo num salto. Não é mais largo que o Rio Jaguaribe – esse rio urbano que nasce e morre no bairro de Cruz das Armas.

Eu tinha o projeto de fazer o navio ao Rio Jaguaribe até sua foz, até sair na África, mas Péricles não quis. Seria num daqueles botes que se aquecem ao sol de Tambaú. Uma espécie de Arca de Noé II. Mas a Capitania não deixaria!

Foto: Marcos Russo



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

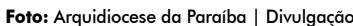
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Dom Manoel Delson celebra uma missa sem a presença de fiéis, que será transmitida pela internet; Arquidiocese da Paraíba tem cinco paróquias que homenageiam São Pedro e que realizarão várias celebrações hoje e amanhã

Programação religiosa nas paróquias da Arquidiocese da Paraíba terá missas online e presença restrita de fiéis nas igrejas

“Pedro, para Jesus, era um nome de confiança, pensava com o coração. Um exemplo aparece no Evangelho de Mateus, em que Pedro, ao ver o Cristo andando sobre as águas numa noite de tempestade, pula do barco para ir ao seu encontro e afunda. Depois Jesus o salva. Eu já gostava da sonoridade do nome desde criança, por isso queria colocar o nome no meu filho. Então, quando fui me aprofundando nos estudos sobre o apóstolo, fiquei mais convicto, por ter sido uma pessoa que viveu a sua fé de coração, totalmente conectado com a sua crença”, justifica o jornalista e advogado Breno Barros. Hoje Pedrinho, seu filho, tem dois anos.

História de São Pedro
Pedro foi o primeiro papa e príncipe dos apóstolos. Numa passagem da Bíblia, no livro de Mateus, Jesus lhe diz: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”. Mesmo sendo testemunha de importantes fatos da vida de

Pedro é considerado um dos mais importantes santos da Igreja Católica. Ele é exemplo de arrependimento e redenção.

Da Redação
redacao@epc.pb.gov.br

O QUE QUER DIZER A TERCEIRA LEI DE NEWTON

O Comando da Guarnição de João Pessoa realiza até sexta-feira, dia 3, a Campanha "Doe Solidariedade". Os moradores da Região Metropolitana de João Pessoa poderão doar alimentos não perecíveis, produtos de higiene pessoal e de limpeza para o abrigo de idosos Refúgio em Jesus e para famílias carentes. As doações devem ser deixadas nos quartéis do Exército.

O novo marco legal do saneamento básico no Brasil abre espaço para a privatização dos serviços de tratamento de água e esgoto no país. O alerta é do deputado estadual Jeová Campos (PSB). Para ele, isso vai dificultar o acesso universal da população a benefícios essenciais. Jeová é presidente da Frente Parlamentar da Água e da Agricultura Familiar da Assembleia Legislativa.

A bancada de deputados paraibanos em Brasília está sendo bombardeada por prefeitos de todo o Estado em relação ao adiamento das eleições municipais deste ano. Boa parte dos prefeitos defende a simples prorrogação por dois anos dos mandatos atuais de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores. Justificativa? A possibilidade de realização de eleições gerais em 2022. Será?

O deputado federal Hugo Motta (PRB) defende o adiamento das eleições municipais deste ano por dois anos. Ele considera que é melhor para o país, neste momento de pandemia fazer com que as eleições municipais coincidam com as eleições presidenciais de 2022. Ele justifica: adiamento das eleições em dois anos resultaria em economia do dinheiro público.

O Projeto de Lei 2.630/2020, que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, deve ser votado no Senado essa semana. Ele ia à votação na quinta-feira passada, mas esta acabou adiada. A senadora paraibana Daniella Ribeiro (Progressistas) disse que é favorável ao combate às fake news, mas que é preciso uma minuciosa análise do texto porque há uma linha tênue entre censura e liberdade de expressão.

Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

Fernando Cunha,
Presidente da Adufpb

“Ensino é algo que não pode ser feito de qualquer jeito”

A crise da educação e a falta de proposta do Governo Federal para o ensino superior foram temas abordados durante entrevista

Ana Flávia Nóbrega

ana8flavianobreg@gmail.com

Afastados da convivência física e com uma maior demanda trabalhista e humanitária a cada dia que passa, os movimentos sindicais vêm trabalhando para seguir ativos e ganhar ainda mais apoio durante o momento de pandemia no novo coronavírus que assola o mundo inteiro e, em especial, o Brasil. Na Paraíba, o Sindicato dos Professores da Universidade Federal da Paraíba (Adufpb) vem mantendo as atividades para garantir o respeito ao trabalho dos docentes e aos alunos no momento de flexibilização do regime de aulas. Além das discussões pela categoria - o movimento sindical que visa o fortalecimento da luta da classe trabalhadora e da defesa de direitos básicos ligado às relações de trabalho -, a Adufpb vem participando efetivamente na construção de debates sobre temas diversos que são realizados através de lives, recurso bastante utilizado por artistas, pessoas públicas, órgãos e entidades para seguir, de uma nova maneira, as atividades exercidas antes do período pandêmico. Para falar sobre o tema, entrevistamos o presidente da Adufpb, Fernando Cunha, que lidera e media as atividades. Ele também falou sobre o atual momento da educação no país.

A entrevista

Muito se tem de que o movimento sindical precisa do “corpo a corpo” para existir e a pandemia acaba excluindo essa vivência física. Como vem sendo a atuação da Adufpb em tempos de pandemia?

■ A pandemia pegou todos nós de surpresa. E imediatamente assumimos a responsabilidade de garantir que todos os nossos funcionários seguissem as orientações sanitárias e também os nossos associados. A nossa sede é bem frequentada durante todos os dias pelos professores, principalmente os aposentados. Então fechamos o funcionamento na sede. Na semana seguinte começamos a pensar o que fazer e junto com a diretoria nós contratamos um serviço que possibilita as reuniões virtuais. Desde então realizamos semanalmente reuniões com a diretoria e disso saiu vários posicionamentos no enfrentamento da pandemia.

Quais foram essas posições, essas iniciativas?

■ A primeira foi apoiar as atividades e projetos desenvolvidos por professores, técnicos e estudantes da UFPB em ajuda a pandemia, como pesquisa, equipamentos de proteção individual, apoio psicológico e projetos de extensão que apoiam as pessoas nesse período. Criamos o conjunto de ações solidárias para ajudar essas ações tanto politicamente, quanto financeiramente para que eles fossem viáveis. Tudo em uma perspectiva de solidariedade de classes, entre as classes para ajudar as pessoas em estado de vulnerabilidade social. Além disso, retomamos o projeto de Realidade Brasileira e Universidade, que começou em 2017. Esse projeto, no entanto, acontecia de maneira presencial onde debates eram realizados, tinha participação de palestrantes. Só que agora colocamos ele no cenário virtual. Nas quartas-feiras realizamos debates específicos sobre conjuntura, saúde, inteligência artificial, educação, atividades remotas, fake news... Já estamos na décima edição e sempre trazemos convidados para debater temas importantes. Já debatemos o racismo, discutimos o trabalho remoto, políticas educacionais e outras. Estamos em debate constante com outros sindicatos para construir a frente para nos engajarmos contra os desmandos do Governo Federal no meio de uma pandemia para defender a vida. E, além de tudo, estamos divulgando tudo isso

nas redes sociais e estamos ganhando um bom retorno.

A participação dos professores diminuiu devido à pandemia?

■ Por incrível que pareça aumentou e vem me surpreendendo muito. Eu não tenho em números, mas para se ter uma ideia, nós tínhamos 102 professores inscritos e agora temos mais de 500 docentes inscritos, ultrapassamos as 4 mil visualizações em todas as lives que nós produzimos. Tivemos fortes ataques do Governo Federal na tentativa de fazer com que os professores tenham um mecanismo de facilidade de se desinicializar. Mas aqui nós não observamos isso. Os professores estão vendo a importância do sindicato e até estamos tendo filiações neste período. Continuamos na luta.

Como você enxerga as medidas do Governo Federal diante dos movimentos sindicais?

■ No movimento sindical, os tempos com o governo Bolsonaro têm sido muito difícil. Desde a aprovação da reforma trabalhista no governo Michel Temer, um forte ataque aos movimentos sindicais foi iniciado. Bolsonaro, ao assumir, aprovou a reforma da Previdência que, em si já é uma ampliação da retirada de direitos, ampliando o tempo de trabalho... isso teve impacto no movimento sindical. Na medida em que você tem, entre os trabalhadores uma redução de seu ganho salarial eles fazem as opções de onde vão contribuir. A contribuição sindical é voluntária e a sindicalização garante a autonomia política e financeira dos sindicatos. Na reforma trabalhista também entrou o fim do sindicato como mediador dos vínculos de trabalho entre o empregador e o trabalhador. Então qualquer contato estabelecido entre o empregador e o trabalhador passa a ser validado sem a aprovação do sindicato que aumenta o sucateamento dos sindicatos e do próprio trabalhador. O trabalhador é descartável para esse governo, essa é a visão, o trabalhador não é de interesse deles. Toda a narrativa desse governo é de proteger os empresários e aumentar seus privilégios e ele vem fazendo isso.



Foto: Adufpb | Divulgação

Fernando Cunha afirma que é preciso cuidado no retorno às atividades acadêmicas após a pandemia

E diante da pandemia?

■ Na pandemia, mais de 10 milhões de pessoas solicitaram o auxílio emergencial e não conseguiram e a gente sabe que essas pessoas precisam disso. Quando a pandemia começou tínhamos cerca de 13 milhões de desempregados, mesmo rotulando o trabalho informal e precário como vínculo empregatício. Hoje temos entre 20 e 25 milhões de desempregados. O índice de pessoas que solicitaram seguro desemprego aumentou 40,5% só em maio. Então, nesse sentido, o sindicato é um atraso para eles, é um pé na porta. E, por isso, eles querem destruir os sindicatos, até porque um sindicato orientar um trabalhador é um problema para eles.

Outra atuação do Governo Federal que recebe muitas críticas é na área da educação. Por exemplo, como o senhor avalia a possível interferência do Ministério da Educação nas reitorias de universidades federais?

■ Já referente à educação, esse governo, desde o início, deixou claro que a educação, ligada diretamente à informação, era inimiga número 1 dele. Como a educação pode ser o inimigo número 1 do Estado? Aqui no Brasil nós temos déficit histórico com os serviços educacionais e vem o governo e coloca a educação nesta posição, as universidades como lugares de maconheiros e preguiçosos, quando a gente sabe que não é. E até hoje eles não apresentaram uma única proposta no campo da educação que represente uma melhora no aspecto de ensino e escolarização do povo brasileiro. É só falácia, farsa e informações descontradas.

Ainda nesse cenário, quais as maiores dificuldades enfrentadas pelas universidades públicas brasileiras?

■ Por outro lado, assistimos uma série de cortes. No primeiro ano tivemos contingenciamentos de verbas, corte nos programas de formação de professores de pesquisa e extensão. Uma série de medidas que foram destruindo os programas essenciais para que a educação tivesse uma melhora no país. E, por último, o governo tenta implementar a privatização e mercadorização cada vez mais o modelo de ensino no Brasil. Programas específicos para que a formação dos professores e a licenciatura tivessem os incentivos garantidos. O que ele fez? ele pegou esses recursos e dividiu com a iniciativa privada. São recursos públicos que ao invés de estarem em instituições públicas, estão em privadas. As universidades estão hoje fazendo malabarismo para manter auxílio mínimo aos seus alunos. É a mesma coisa que eles querem fazer com a pressa que o governo tem de colocar as atividades remotas com uma alternativa de ensino. Entendo que as universidades e institutos não podem ficar parados o ano inteiro. Mas aí você cobrar que as atividades regulares dessas instituições funcionem no modelo remoto agora, nós não atenderemos aos 8 milhões de estudantes no ensino superior hoje em dia. Nós não temos estrutura para iniciar um semestre normal com acesso a internet de forma igualitária e qualitativa para os alunos nem na graduação e nem na pós-graduação, sobretudo no Nordeste e Norte. Se começarmos, vamos provocar e acentuar um processo de exclusão na educação brasileira de uma maneira nunca antes vista.

A UFPB iniciou a retomada de atividades optativas para os estudantes de graduação e pós-graduação. Como esse posicionamento é recebido do ponto de vista sindical?

■ Para nós, o calendário excepcional foi de intenso debate. Primeiro a gente compreende que a universidade não pode se omitir nesse período de pandemia, fechando as portas e ignorando o que está acontecendo. As universidades têm uma função social a cumprir nesse período seja na orientação a população, seja no desenvolvimento de tecnologia, seja no auxílio de ensino, pesquisa e extensão. Mas para atender as demandas essenciais e não para cumprir atividades regulares. Significa que a universidade não vai funcionar com as disciplinas e turmas regulares porque vai provocar o início das aulas com a redução da participação dos alunos pois não se tem as condições objetivas para que o semestre ocorra. Nós não somos contrários às tecnologias, somos contrários aos processos de precarização do ensino. Nesse sentido, chamamos a atenção da universidade de o tempo todo e somos contrários ao início do semestre regular que implicará em um processo de exclusão ainda maior. Mesmo que o acesso seja provido pela instituição com condições ideais, ainda temos o processo das condições de trabalho. Todos professores têm condições essenciais para manter esse trabalho? Uma coisa é estar na universidade, outra coisa é estar em casa. Os professores e estudantes não são obrigados a ter bons equipamentos, bom espaço e boa internet. Temos que pensar o trabalho a partir de um protocolo de biossegurança do trabalho que precisa ser garantido para que as condições não sejam insalubres. Estamos atento a tudo isso e vamos cobrar da instituição as condições essenciais e necessária para que caso o semestre seja regularizado essas condições sejam as melhores possíveis. O ensino é algo que não pode ser feito de qualquer jeito e nós vamos abrir a boca e fazer barulho pelas garantias.

As universidades têm uma função social a cumprir nesse período, seja na orientação a população, seja no desenvolvimento de tecnologia, seja no auxílio de ensino, pesquisa e extensão.

E até hoje eles não apresentaram uma única proposta no campo da educação que represente uma melhora no aspecto de ensino e escolarização do povo brasileiro.



Foto: Teresa Duarte

Tendência: golpes virtuais aumentam na pandemia

Com isolamento social, imersão no mundo da internet passa a fazer parte do cotidiano e isso propicia mais exposição a fraudes e golpes digitais

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A necessidade do isolamento social gerou mais contato com o mundo digital. Com tempo de sobra, a internet, que já ocupava boa parte das horas, ganhou um espaço ainda maior. O mais grave nesse cenário é que, enquanto o volume de infrações cibernéticas é amplificado e as artimanhas aperfeiçoadas, o número de delegacias especializadas no país não acompanha o mesmo ritmo. Neste contexto, o melhor é estar atento ao uso adequado da internet, sobretudo, durante este período.

“Existe, de fato, uma tendência de aumento no número de golpes aplicados pela internet por conta do maior tempo de permanência na rede”, declarou Arnaldo Sobrinho, coordenador Executivo no Brasil da Associação Internacional de Prevenção e Combate ao Crime Cibernético. Porém, apesar de considerar as punições aquém da gravidade desse tipo de golpe e mesmo com a dificuldade de localizar os culpados, ele avisou que

há investigações em andamento e que os ‘autores’ serão responsabilizados. “Não existe crime sem rastros na internet”.

O Brasil tem hoje mais de 149 milhões de usuários de internet, o que corresponde a mais de 70% da população. Com o isolamento social, decorrente da pandemia da covid-19, além de acessar mais as redes sociais, as pessoas passaram a fazer compras on-line, interagir através do WhatsApp e jogar na internet.

“Este incremento, que sempre era maior nos fins de semana e feriados, migrou para o cotidiano diário, até como forma de amenizar os efeitos decorrentes do isolamento. Assim, as estatísticas futuras irão, provavelmente, indicar a ampliação significativa de atentados à honra, crimes patrimoniais e outras fraudes”, constatou Arnaldo Sobrinho.

Algumas dessas condutas, de acordo com ele, são praticadas por pessoas comuns, como a difamação, calúnia e injúria. Outras são articuladas por organizações criminosas integradas por hackers,

mas o principal problema é a negligência com a segurança da informação. “Tivemos um debate recente num seminário Franco-Árabe sobre este cenário e há claros indicativos desta situação”, afirmou.

Apesar de não existir uma delegacia especializada em crimes cibernéticos na Paraíba, a especializada de Defraudações recebe alguns casos, mas só de João Pessoa e quando o valor do golpe é acima de R\$ 20 mil. “Na realidade, se tiver muitas pessoas lesadas de um mesmo fato, a gente pode considerar esse critério também. Se for o mesmo golpista lesando diversas pessoas e surgir o interesse em investigar, vai para lá também”, explicou o titular da Delegacia de Defraudações, Gustavo Carletto.

Segundo ele, não há como medir se aumentaram as denúncias, porque na Paraíba não existem estatísticas em relação a esses fatos. “Na realidade, tudo que está sendo noticiado é mais na base do achismo. Em relação à Delegacia de Defraudações, como estamos



Foto: Roberto Guedes

Arnaldo Sobrinho alerta para que usuários fiquem mais atentos nesta pandemia

vivendo essa pandemia, a gente não está tendo muito movimento”.

Em relação aos golpes mais comuns nesse momento, ele afirmou que tem percebido as pessoas comentando muito sobre o auxílio emergencial. “Tem o do WhatsApp, em que se coloca a foto de uma pessoa e solicita dinheiro;

está sendo bastante usual também um golpe na OLX e tem crescido há algum tempo, principalmente com anúncio de veículo. Tem ainda o golpe do falso motoboy, que se diz funcionário do banco e vai buscar o cartão do cliente na residência, passando a realizar compras pela internet”, listou.



Estatísticas futuras vão atestar crescimento das fraudes

De acordo com o titular da Delegacia de Defraudações, Gustavo Carletto, é difícil localizar os golpistas porque os crimes são praticados de qualquer parte do mundo, e a maioria dos sites tem registro fora do Brasil. “Eles também utilizam redes de wi-fi, muitas vezes, de estabelecimentos comerciais e isso dificulta ainda mais identificar o criminoso”, acrescentou.

Para se ter ideia, em 2019 o número de registros de incidentes reportados ao Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (CERT.br) teve um aumento de quase 30% em relação ao ano anterior.

Ainda não é possível avaliar os números de 2020, mas um aspecto considerado positivo pelo presidente da

Associação Internacional de Combate ao Crime Cibernético, Arnaldo Sobrinho, é a adoção de aulas on-line. Por outro lado, ele ressaltou a tendência de aumento este ano, considerando o incremento no número de usuários e a comparação da evolução de 2019 em relação ao ano anterior. A criação de sites falsos e a disseminação de propaganda enganosa têm sido verificadas com frequência.

“O Escritório Brasileiro da Associação Internacional de Combate ao Crime Cibernético, que tem sede em João Pessoa, tem acompanhado alguns casos no âmbito policial e judicial. Ainda é muito difícil conseguir números estaduais, mas há a intenção de criar uma plataforma para computar esses dados”, informou Arnaldo Sobrinho.

Para não fazer parte dos números, é preciso redobrar segurança

Dez dicas para os internautas

- Não clique em link desconhecido;
- Não acesse páginas que façam redirecionamento ;
- Não compre ou preencha formulário em site do qual não tenha certeza da credibilidade;
- Mantenha o antivírus atualizado, de preferência pago, no smartphone e computador;
- Faça compras com cartão virtual que só serve para uma única compra;
- Nunca compre o que estiver com preço muito abaixo do preço de mercado;
- Não baixe aplicativos desnecessários;
- Ative a autenticação em dois fatores no smartphone;
- Certifique-se de que o vendedor tem loja física, verifique CNPJ na Receita Federal e cheque a satisfação de outros compradores;
- Desconfie sempre.

Fonte: Delegado de Defraudações, Gustavo Carletto/Associação Internacional de Combate ao Crime Cibernético/Arnaldo Sobrinho.

O que fazer se for vítima

- O boletim policial pode ser feito de casa, pela internet. Basta entrar no site da Polícia Civil da Paraíba – www.policiacivil.pb.gov.br e procurar a delegacia online. O boletim será encaminhado para a delegacia competente.
- Guarde as informações, como print das telas que entrou, inclusive se houver ameaças. Pode ser necessária uma perícia no equipamento, dependendo do tipo de crime.
- Situações mais complexas podem ser acompanhadas pela Associação Internacional de Combate ao Crime Cibernético. O contato é (83) 99634-3881 ou o Instagram @arnaldo.sobrinho, que encaminha a demanda e oferece apoio jurídico, se for o caso.



Foto: Pixabay

Convivência com pacientes de covid em casa exige cuidados

Pessoas infectadas pelo novo coronavírus precisam tomar precauções para não contaminar os familiares

José Alves
zavieira2@gmail.com

Conviver em casa com uma pessoa da família infectada com coronavírus não é nada fácil. E o pior é que essa realidade se tornou comum em alguns lares na Paraíba. No entanto, tomando as devidas precauções, recomendadas pelo Ministério da Saúde, a vida no meio familiar acaba voltando à normalidade. Foi o que aconteceu com o mecânico e estudante universitário Marcelo Diôgo Alves da Silva, que testou positivo para covid-19 no dia 5 de maio. Assim que tomou conhecimento, decidiu se isolar na casa dos pais, sob os cuidados da mãe Josemary Alves da Silva, se afastando da esposa e do filho de 3 anos.

Com o resultado em mãos, o estudante informou sua condição para toda a família e coube à esposa, Sarah Alves, contar para o filho que o pai ficaria distante por alguns dias para se tratar de uma doença. O filho do casal, Rafael, estranhou a ausência física do pai, mas suportou. Na casa dos pais, Diôgo também redobrou os cuidados. Ficou em um quarto exclusivo e só saía para ir ao banheiro. Ele informou que a todo instante usava álcool em gel para passar nas maçanetas das portas do quarto e do banheiro. No que diz respeito às refeições, todas eram feitas no quarto e eram entregues por sua mãe na porta. “Eu recebia, fechava a porta e ficava sempre sozinho, isso durante 15 dias, mas acabei ficando 19 dias em isolamento e só saí

após uma nova testagem para ter certeza de que estava livre da doença”, informou. Tanto o prato quanto os talheres que usava eram lavados separadamente dos demais da família. “Até a esponja para lavar os pratos e talheres era exclusiva e as vestimentas, roupas de cama e toalhas também seguiam o mesmo padrão. Todas eram lavadas separadamente e tinha um cesto só para minhas roupas. As máscaras após o uso, eram todas descartadas”, explicou. Na casa dos pais do estudante, moram seu pai, a mãe, uma irmã e o cunhado. Apenas sua mãe ficava em contato com ele. Era ela a responsável por entregar as refeições ou pegar a roupa para lavar. O contato com a esposa e o filho durante o

isolamento era exclusivo por vídeo chamada. “Meu filho estranhou muito porque foi a primeira vez que ele ficou muito tempo sem poder me abraçar ou brincar comigo. Só após uma nova testagem foi que eu pude voltar ao convívio familiar”, disse Diôgo, afirmando que não foi necessário ir a nenhum hospital, apenas se isolou em casa, logo após sentir alguns sintomas da doença e testar positivo. O mais importante é que deu tudo certo”, comemorou. Após receber a notícia de que não estava mais com a doença, Diôgo comemorou e voltou para casa, onde reencontrou a esposa e o filho. Seus pais, sobretudo sua mãe, também ficaram aliviados. Todos fizeram o teste para covid-19 e testaram negativo para a doença.



Foto: Arquivo pessoal

O estudante Marcelo Diôgo fez tratamento para covid-19 na casa dos pais

Infetologista fala sobre recomendações a serem adotadas



Foto: Arquivo pessoal

Infetologista Ana Isabel Fernandes: ambiente próprio para paciente

A infectologista Ana Isabel Fernandes enfatizou que a primeira orientação para uma pessoa infectada em casa com coronavírus é que seja destinado um quarto e um banheiro para uso exclusivo. Dentro desse cômodo, o paciente isolado deve ficar todo o tempo com a porta fechada, mas a janela deve permanecer aberta para ter ventilação e a entrada de luz solar. A médica recomenda que a pessoa infectada deve permanecer isolada por no mínimo 14 dias. As roupas devem ser lavadas e não devem ser sacudidas ou chacoalhadas. O banheiro deve ser lavado com água sanitária, e

quem for lavar, deve usar máscara e luvas. Se houver secreções na roupa de cama, ela deve embalar em um saco plástico antes de levar à máquina de lavar ou ao tanque. É importante manter uma lixeira ao lado da

cama do paciente com saco plástico para jogar o lixo. Quando o recipiente estiver cheio, a pessoa deve fechar a sacola e só depois despejar em lixeiras comuns, seja da casa, da rua ou do prédio. A médica alertou

que a pessoa que está cuidando do doente deve utilizar sempre máscara e higienizar as superfícies do quarto e do banheiro diariamente, utilizando sabão ou detergente e depois um desinfetante comum.

ORIENTAÇÕES PARA PESSOAS QUE TÊM CONTATO COM PACIENTES

- Uso de máscara é essencial;
- Higienizar sempre as mãos com água e sabão ou álcool gel;
- Estar atenta a qualquer sintoma gripal que possa surgir;
- Somente manter contato estritamente necessário com a pessoa doente;
- Manter distância de, no mínimo, um metro e meio
- Não ter contato com objetos descartados pelo paciente;
- Não compartilhar o mesmo ambiente que o paciente;
- Manter superfícies e móveis sempre desinfetados;
- Usar máscara também ao cozinhar;
- Separar utensílios do dia a dia;



Dia do Orgulho LGBTI+ é marco na luta por direitos

Nos últimos dois anos, a Paraíba registrou 23 assassinatos homofóbicos, dos quais 13 foram elucidados

Em 1969, em Nova Iorque, uma repressão policial ao bar Stonewall Inn, badalado reduto gay, fez do dia 28 de junho uma referência para movimentos e comunidades de todo o mundo que lutam por respeito e dignidade humana

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Hoje, 28 de junho, é comemorado em todo o mundo o Dia do Orgulho LGBTI+, sigla que engloba a população lésbica, gay, bissexual, transgênero e intersexual. Entre avanços e retrocessos, o certo é que o caminho da dignidade e respeito pode e deve ser percorrido. Na Paraíba, um número alentador: queda de 23% no número de assassinatos de pessoas LGBTI+ de 2018 para 2019. Ainda assim 23 assassinatos foram registrados nesses dois anos, desse total 13 foram elucidados, segundo dados da Secretaria de Segurança e da Defesa Social da Paraíba (Seds/PB).

Já em relação aos demais crimes houve um aumento de 32% no mesmo período, com o número de boletins de ocorrência subindo de 115 para 152. Entre os registros mais comuns feitos pela Delegacia Especializada em Repressão aos Crimes Homofóbicos, Raciais e de Intolerância Religiosa aparecem injúria qualificada, violência

doméstica e ameaça. Em caso de denúncia a vítima deve ligar para a Polícia Militar, no 190; para o Disque Direitos Humanos, no 100; ou ainda para a própria delegacia no 3218 6762.

Ou seja, além do preconceito que dificulta a permanências dessa população em escolas e universidades, o ingresso no mercado de trabalho e o acesso a serviços essenciais, a população LGBTI+ precisa redobrar os cuidados em relação à violência.

“É parte de um trabalho que mostra que o Governo da Paraíba não tolera qualquer tipo de violação dos direitos humanos da pessoa LGBT, por isso mantém toda uma rede com secretaria de estado, centros de referência, delegacia, ambulatório. Mas não podemos esquecer que somos o país que mais mata pessoas LGBTs no mundo e há de se ter uma resposta ainda maior. Enquanto houver uma pessoa que seja sendo atacada ou morta em função da sua orientação ou identidade de gênero nós estaremos perdendo a guerra para uma barbárie”, pontuou

Lidia Moura, secretária da Mulher e da Diversidade Humana.

Doação de sangue

A secretária aproveitou para destacar mais uma ação que coloca a Paraíba em posição de destaque e que significa um passo a mais na luta contra o preconceito e a favor da igualdade.

“O hemocentro da Paraíba foi um dos primeiros a acatar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) e hoje as pessoas de cidadania LGBT podem doar sangue normalmente, fazer esse gesto de amor com seu semelhante, coisa que antes não era possível. Então vamos permanecer atentas e fortes na luta, seguindo com esse trabalho”, enfatizou.

O Hemocentro da PB foi um dos primeiros a acatar a decisão do STF e as pessoas de qualquer orientação sexual podem doar sangue



A secretária Lidia Moura afirma que o governo vem atuando para não tolerar nenhuma forma de discriminação

GOVERNO TEM PROGRAMAÇÃO PARA ESTE 28 DE JUNHO

- Para comemorar a data, o Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), vai realizar encontros virtuais com o objetivo de debater temas relevantes da pauta LGBTI+.
- Durante três dias serão debatidos temas pertinentes, considerados importantes, como saúde, empregabilidade, lei da ideologia de gênero, aprovação que permite LGBTI+ fazerem doação de sangue, conquistas e desafios que os movimentos enfrentam no momento atual, entre outros.
- Os encontros acontecerão via instagram da secretaria (@SEMDHGOVPB) nos dias 28, 29 e 30/06 sempre às 19h e reunirão representantes e ativistas do movimento.

Pandemia ressalta o quanto o preconceito continua predominante

Foto: Arquivo Pessoal



Fernando Luiz afirma que preconceito é empecilho para que muitas pessoas consigam viver de forma digna

“A gente não pode fazer uma live mais festiva porque não temos nada a comemorar”. O desabafo de Fernando Luiz diz respeito às dificuldades há muito enfrentadas e aos temas atuais, como os trazidos pela pandemia da covid-19, à exemplo da exclusão para o acesso da população LGBTI+ aos programas sociais.

O entrevistado afirma também que a falta de trabalho e o preconceito, reforçado através das redes sociais, tem atingido fortemente essas pessoas em tempos de isolamento social.

“Dois pontos a serem destacados. Pessoas que fazem live e recebem críticas lgbtfóbicas e transfóbicas e muitas sem trabalho, já que locais de festas, boates, bares, estão fechados

e muitas dessas pessoas trabalham com esses serviços considerados não essenciais. Está muito complicado para essa população. Hoje a gente percebe que muitos e muitas LGBTs têm pedido ajuda para o

básico mas existe uma urgência quanto à alimentação e quanto à necessidade de atender emergencialmente essa população”.

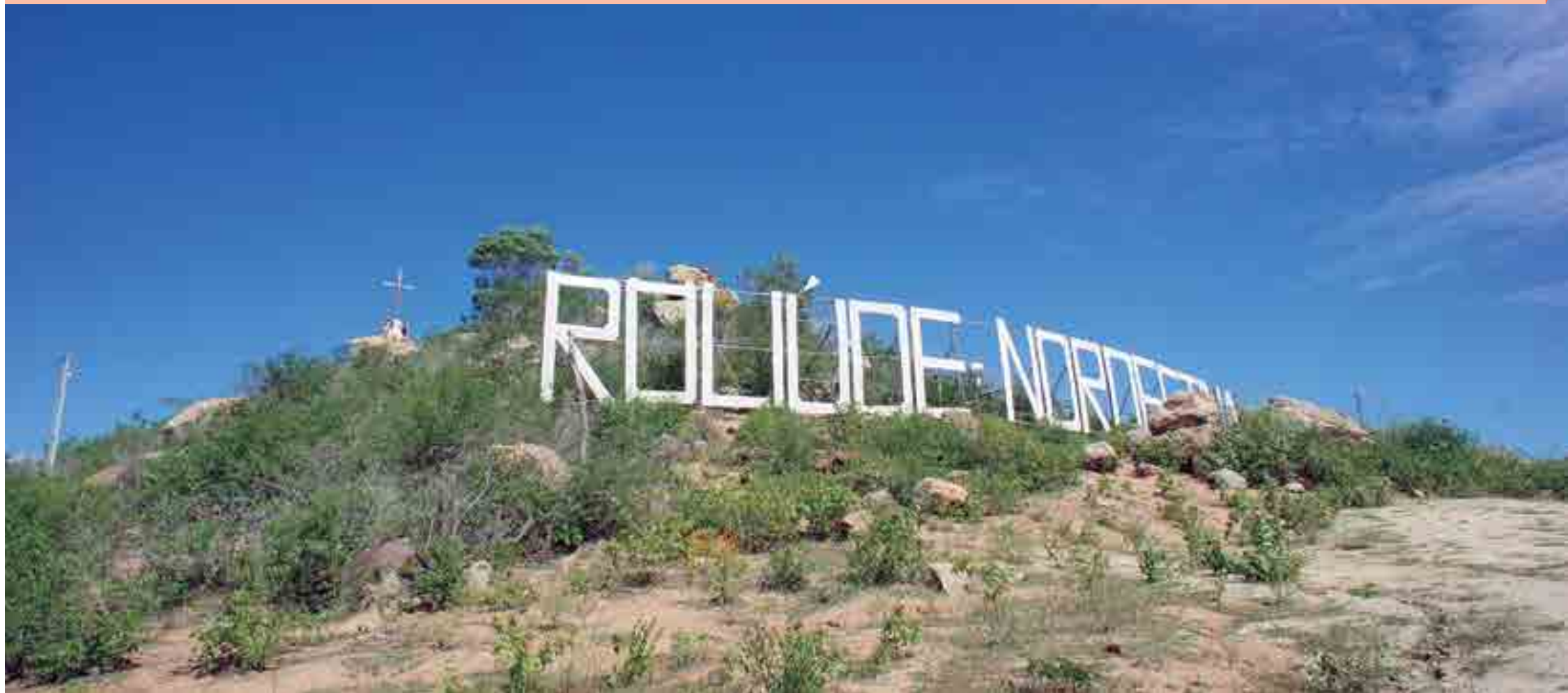
Para minimizar esses impactos, cestas básicas foram distribuídas e os atendimentos nos

centros de referência do Estado, em João Pessoa e Campina Grande, seguem de maneira remota. “Seguimos dando suporte através do telefone e whatsapp (99163 3465/ 99119 0157), oferecendo tantos os serviços de

apoio psicológico, já que devido à pandemia essas pessoas estão passando mais tempo em casa e consequentemente sofrendo mais com o preconceito das famílias, quanto jurídico e social”, detalha Fernando.

STONEWALL: RESPEITO À DIVERSIDADE HOJE E SEMPRE

■ Foi a repressão e a violência policial, tão destacadas e combatidas na atualidade, que deram origem à data. O dia 28 de junho comemora o Orgulho LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersex) e é celebrado em todo o mundo desde 1969, quando um grupo de gays, lésbicas e trans, reunido em Nova York, foi surpreendido por uma batida policial que resultou em prisão por ‘conduto imoral’. O fato aconteceu no bar Stonewall Inn, reduto gay. O que era para servir de lição de moral e bons costumes, tornou-se hoje um símbolo de resistência, força e luta por respeito aos direitos humanos.



Cabaceiras: onde o Bode Rei se encontra com o cinema

Destaque na caprinocultura, município também abriga nossa Roliúde Nordestina, que é cenário de filmes, novelas e séries

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

A Roliúde Nordestina fica no município de Cabaceiras, região do Cariri paraibano. Terra onde o bode é rei e já foi cenário de mais de 30 produções, entre documentários e longas nacionais. Um grande letreiro, instalado logo na estrada que dá acesso ao município, indica que o visitante está chegando à cidade que ganhou o apelido de Meca do cinema mundial. A ideia foi do jornalista Wills Leal, falecido no dia 7 de maio deste ano, por conta do projeto turístico-cinematográfico implantado por ele no município.

Localizado a 166 quilômetros de João Pessoa, Cabaceiras foi palco de novelas e séries, entre elas o “Auto da Compadecida” e “Onde Nascer os Fortes”.

O criador da Roliúde Nordestina também criou, em parceria com a Prefeitura de Cabaceiras, um pequeno museu na cidade (com imagens de duas dezenas de filmes lá realizados). Agregado à iniciativa, está o turismo rural, cultural e ecológico, com foco no Lajedo de Pai Mateus, formação rochosa de 1,5 quilômetro quadrado, que se assemelha a um prato fundo virado para baixo, onde há mais de cem pedras. Cada uma chega a pesar 45 toneladas. Esses blocos arredondados de granito são marcas do clima e guardam rastros do homem do Cariri paraibano.

É em Cabaceiras que também se encontra o Lajedo da Salambaia. Pautando os cinco dedos das mãos com amor, esperança, preservação e realização, fez com que surgisse esse produto turístico rural e pedagógico na região. A terra que abriga uma rocha granítica com seis quilômetros de extensão, sendo ela a única na América Latina,



Fotos: Teresa Duarte

A Festa do Bode Rei homenageia a “majestade” da caprinocultura e sua cadeia produtiva

onde se realiza a trilha no lajedo “Salambaia: rochas, plantas e água”. O grande destaque da fazenda é a preservação do meio ambiente.

É em meio à Caatinga que o visitante pode se deliciar com frutas, a exemplo de tangerina, limão, graviola, entre outras, fazer um relaxamento contemplando a perfeita sintonia do lajedo com a diversidade de plantas, muito bem acomodada em um redário; visitar os geossítios da propriedade; ou ainda vivenciar a experiência da fazendinha ou simplesmente degustar as delícias da gastronomia nordestina, dispondo ainda de guias turísticos e de infraestrutura de banheiros, inclusive com chuveiros. A Fazenda Salambaia conta com toda estrutura para realização de trilhas ecológicas, turismo pedagógico, aventura na prática do rapel, trilhas de bike, montanhismo, passeios a cavalo,

colha e pague e piqueniques.

Mas é o Bode Rei que impera no local, apresentando a majestade da caprinovinocultura como responsável pela cadeia produtiva do município. Todos os anos, a tradicional Festa do Bode Rei atrai mais de 60 mil pessoas ao município durante três dias de realização, no mês de junho. Nacionalmente conhecida, ela evidencia a produção caprina pela gastronomia e cultura, realizando exposições e feiras de animais, mostras de artesanato, apresentação de danças folclóricas, competições, palestras e cursos, além de shows. Segundo a Prefeitura Municipal, cerca de 850 empregos diretos e indiretos são gerados nos dias de realização da festa. A estrutura envolve um verdadeiro universo “bodístico”, composto por barracas de alimentação no Arraial Popular, além das barracas de artesanatos.



Processo de curtimento do couro é reconhecido nacionalmente

Curtume Coletivo Miguel de Souza Meira, no Distrito da Ribeira, é referência na qualidade no processo de curtimento do semiacabado couro do bode e do boi. Foi com a formação da Cooperativa dos Curtidores e Artesões em Couro Ribeira Cabaceiras, através de um trabalho de pesquisa e estudo para eliminar o mau cheiro das peles dos animais tratadas e transformadas em peças de artesanato, que levou o grupo a ser reconhecido nacionalmente pela qualidade do produto.

SAIBA MAIS

■ **Onde fica** – Cabaceiras fica a 180 km da capital João Pessoa e a 70 km de Campina Grande.

■ **Cabaceiras** – O município possui em torno de cinco mil habitantes e é conhecido como a “Roliúde Nordestina”, imenso letreiro com 80 metros de comprimento e cinco de altura instalado na entrada da cidade. Cabaceiras ganhou fama nacional por conta do Lajedo Pai Mateus, que já foi cenário de mais de 25 filmes nacionais, a exemplo do “O Auto da Compadecida” (Guel Arraes), “Cinemas, Aspirinas e Urubus” (Marcelo Gomes) e “O Romance” (Guel Arraes).

Foto: Teresa Duarte



Museu da cidade preserva a memória do município em painéis e peças artesanais





Foto: Ascom/Botafogo/PB

Cariri paraibano é um dos focos de série sobre a poesia popular

Composta de 12 episódios, 'Ouro Velho, Mundo Novo' é baseada na estrutura literária de 'Os Sertões'

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

“Registra e divulga a cultura, e, particularmente, a poesia popular, inclusive para o conhecimento dos mais jovens”, definiu o repentista Oliveira de Panelas, referindo-se à minissérie documental *Ouro Velho, Mundo Novo*, dirigida pelos cineastas pernambucanos Lirio Ferreira e Cláudio Assis. O primeiro episódio estreou na semana passada, no Canal Brasil, mas pode ser visto através do Canal Brasil Play.

Baseada na estrutura literária de *Os Sertões*, clássico de Euclides da Cunha (1866-1909), o projeto reúne 12 curtas-metragens, todos com 15 minutos de duração, e destaca o talento de diversos poetas todas as quartas-feiras, sempre às 19h45.

Apresentada pelo artista Lirinha e produção de Camila Valença, a minissérie foi gravada no período de 2013 a 2017, entre o Sertão pernambucano do Pajeú e o Cariri paraibano, precisamente no entroncamento da região da Serra do Teixeira e Rio Pajeú. É mostrado como as rimas contribuíram para conduzir, ao longo dos anos, a sabedoria popular centenária da região.

Da Paraíba, além de Oliveira de Panelas, participam do projeto os poetas Ivanildo Vila Nova, Bráulio Tavares, Pinto do Monteiro, Tadeu Cassiano e dois outros repentistas, que já morreram: João Pereira da Luz, o João Paraibano (1953-2014), de Princesa Isabel, que estava radicado em Pernambuco, e o pernambucano João Bernardo, o João Furibá, que morava na cidade de Triunfo (PB), e morreu aos 100 anos de idade, em janeiro de 2019.

O pernambucano Oliveira de Panelas está radicado na Paraíba há 44 anos e lembrou ter feito um retrospecto de sua carreira para a minissérie. Ele contou desde “quando fiz minha primeira cantoria aos 12 anos de idade, na casa do meu pai, acompanhado pelo cantador José Rufino, no Sítio Contador, no povoado de Recifinho, na cidade de Panelas, onde nasci”, lembrou. “Quando iniciei a cantoria profissionalmente, aos 14 anos, além das apresentações pelo Brasil e para chefes de

/// O Vale do Pajeú, em Pernambuco, faz limite com os Cariris Velhos, na Paraíba, e é o epicentro da cantoria de viola. Surgem novas gerações de jovens interessados na cantoria de viola ///

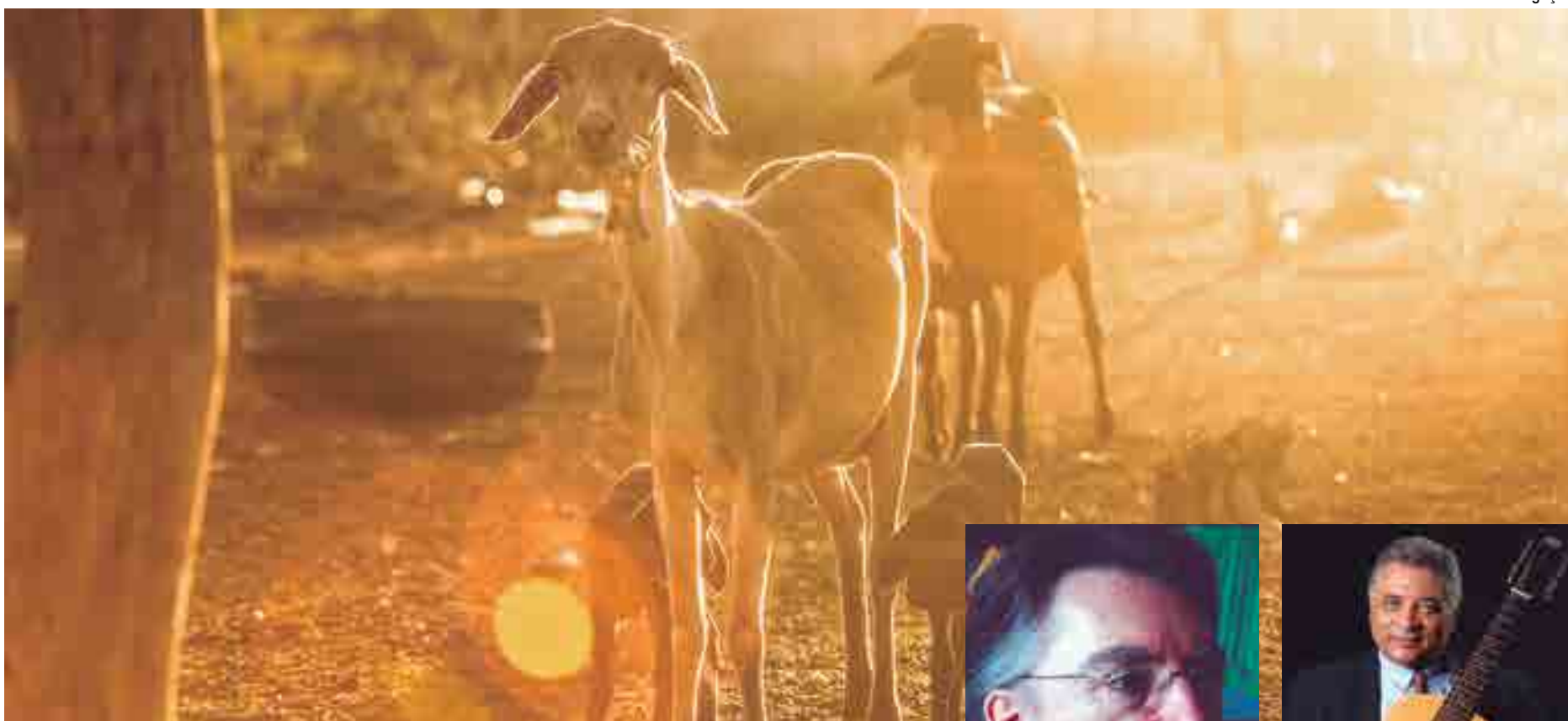


Foto: Divulgação

Estado, como Mário Soares, de Portugal, fui o cantador que meu pai não pode ser. Quando eu me apresentava, meu pai parava tudo para ficar me assistindo”.

Oliveira de Panelas ainda falou sobre a difícil situação do homem do campo para a produção. “Fui roceiro e esse é um tema que sempre aproveito para abordar quando tenho oportunidade. Defendo melhorias na condição de vida dessas pessoas e me inspiro sempre numa frase do líder indiano Mahatma Gandhi, ‘A terra produz para todos e sobra. A terra só não produz para a ganância de todos’, dizia ele”.

Durante as gravações para *Ouro Velho, Mundo Novo*, os diretores Lirio Ferreira e Cláudio Assis também conversaram com personalidades locais. O documentário busca traçar um paralelo entre a seca e as trovões, ressalta a influência do cordel nas rimas e procura demonstrar como as paisagens do Sertão foram capazes de inspirar os versos dos moradores.

O poeta, escritor, dramaturgo e compositor paraibano Bráulio Tavares, que também participa de *Ouro Velho, Mundo Novo*, indicou que a renovação dos talentos continua ocorrendo na arte do improviso. “O Vale do Pajeú, em Pernambuco, faz limite com os Cariris Velhos, na Paraíba, e é o epicentro da cantoria de viola. Surgem novas gerações de jovens interessados na cantoria de viola, muitos deles já escrevendo seus versos”, contou. “Essa região tão fértil para a poesia se estende também até o Cariri cearense, o trecho sul do Estado do Ceará, envolvendo Juazeiro, Crato, e Barbalha. Essa região é um prolongamento do Sertão paraibano, rica em tradição cultural, literária e poética.

Segundo Bráulio, é nessa região que o repente continua vivo nas comunidades, nas fazendas, nas ci-

dadezinhas, onde existe um forte intercâmbio de informações, memórias, versos recitados. Quanto à minissérie, Tavares contou que fez as gravações nas cidades de São José do Egito e do Recife, em Pernambuco, e em João Pessoa, na Paraíba.

Cantoria dinâmica

“A cantoria está sempre em renovação, porque é dinâmica”, garantiu o repentista pernambucano Ivanildo Vila Nova, outro participante do projeto. “É preciso que se passe um tempo para que os novos talentos surjam, mas há essa renovação”.

Embora reconhecendo não entender das novas tecnologias, Vila Nova busca se valer de tais recursos para atingir o público, inclusive nesse período de quarentena, por meio das transmissões ao vivo através da internet.

Ele realizou sua primeira *live* no dia 16 de maio, com o poeta Felipe Pereira, do Rio Grande do Norte. A próxima será em 4 de julho, às 16h, com o também potiguar José Cardoso, que mora em Limoeiro do Norte, no Ceará. “Mas eles vêm realizar as apresentações aqui comigo, num estúdio em Campina Grande que é todo preparado, mas a apresentação continua sendo feita com a improvisação dos versos”, disse ele.

O responsável pelo *making of* de *Ouro Velho, Mundo Novo* é o paraibano Asley Havel, da cidade de Monteiro, tendo a minissérie como o segundo trabalho realizado com os diretores Lirio Ferreira e Cláudio Assis.

“Já tinha feito fotografias de *still* para eles no documentário em curta-metragem *Cordel 4k*, exibido no cais do porto, em Recife, e ajudei na produção, indicando poetas da região, como Asa Branca e Expedito de Mocinha, e gravamos num sítio e aqui na cidade. Parte desse material eles aproveitaram para a *Ouro Velho, Mundo Novo*”.

Cena da minissérie (foto maior) que tem depoimentos do escritor, poeta e compositor Bráulio Tavares (E) e do cantador e repentista Oliveira de Panelas (D)



Foto: Arquivo A União



Foto: Cácio Murilo/Divulgação



LIGUE CORONA



TIRE SUAS DÚVIDAS SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS



DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA, DAS 7H ÀS 19H.



3612-5790

Fonte: Governo da Paraíba



Artigo Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Ciência, vocação e dinheiro

A vida dedicada à ciência parece estéril para quem procura encontrar verdades eternas ou fama imortal. Há muito que as investigações científicas abandonaram, no limbo das especulações metafísicas, questões relativas ao por quê? substituindo-as pelo como? Além dessa importante mudança de perspectiva, os bons trabalhos científicos hoje em dia são obras de especialistas e tendem a possuir validade curta. Aquele “intelectual enciclopédico” que manjava de todas as áreas se tornou uma espécie extinta. O conjunto de conhecimentos acumulados numa área como a física, por exemplo, é tão volumoso que soa bastante improvável que alguém seja capaz de conhecê-los, um a um, com propriedade.

Sempre que pareço resignado com essa ideia, acabo sendo assaltado por uma pontinha de tristeza. Sociólogo de formação, estou dedicado a um conjunto limitado de conhecimentos que serei incapaz de dar conta durante a minha vida. Guardo um desejo de estudar astronomia – como na infância – agora com profundidade. Matemática, filosofia, biologia, história, paleontologia, química, neurociência, arqueologia e teoria quântica. Meu apetite é grande, pantagruélico!

Vendo assim, uma vida parece ser pouco demais. É problema que se agrava com as exigências do perverso mundo do trabalho. Uma pessoa comum gasta horas e horas diárias com atividades desprazerosas de trabalho que poderiam, entretanto, ser destinadas a atividades de lazer, descanso e ócio criativo. Esse é um ideal que desagrada as pessoas mais ávidas por dinheiro e aquelas que vivem de forma parasitária à custa do trabalho alheio. Não tenho esperança de presenciar o “fim do trabalho”, mas, se isso acontecer um dia, a experiência de viver será mais alegre e prazerosa. Temos as condições técnico-científicas necessárias, falta apenas as condições políticas. Nesse momento acho que não é difícil entender Raul Seixas quando diz: “Dois problemas se misturam, a verdade do Universo e a prestação que vai vencer”.

Os cientistas foram “proletarizados”. Essa é a verdade. Em sua maioria tornaram-se empregados do Estado e de grandes e poderosas corporações. Tal relação tende a gerar efeitos nocivos sobre a autonomia do pensamento e problemas de ordem ética. Interesses políticos e econômicos que se imiscuem em questões científicas, desprezando o bem estar humano e a natureza, constituem alguns dos principais males de nossa sociedade. Vejamos o caso da indústria farmacêutica, que produz a maior parte das pesquisas de medicamentos e patentes do mundo. A cura das doenças não é nada rentável para ela; como toda empresa capitalista, sua finalidade é o lucro.

Richard J. Roberts, famoso médico inglês e ganhador do prêmio Nobel, tenta alertar a população mundial para o fato de que muitos medicamentos elaborados pela indústria visam criar dependência. Especialmente aqueles usados no combate a doenças crônicas. A ideia de eliminá-las passa longe dos interesses dessas corporações. Ele diz – com experiência de quem conhece os bastidores do negócio – que muitos pesquisadores se furtam de encontrar curas, por se tratar de um negócio nada rentável para a indústria. Essa mesma ideia é defendida por Carl Elliot, autor do livro *White Coat, Black Hat - Adventures on the Dark Side of Medicine*. Ele recorda que o desenvolvimento da penicilina feito por Alexander Fleming no hospital londrino St. Mary’s Hospital, bem como a invenção da insulina, resultado de pesquisas na Universidade de Toronto, foram concebidos fora de uma lógica de elaboração de medicamentos para o mercado.

Estudos recentes mostram as relações entre o Mal de Parkinson e o alumínio – de painéis, embalagens de alimentos e até da água. Há correlações entre alergias respiratórias e alimentos pulverizados com agrotóxicos. A tendência é que esses males se multipliquem, a menos que encontremos alternativas radicais à forma como organizamos a vida social e a economia. A saúde é cada vez mais um grande problema político e social!

Estética e Existência Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

O trágico e a dor de existir

O trágico é uma tensão entre a vida e morte, porque viver é se aproximar da morte. A tragédia sempre conduz o humano ao que é de mais doloroso da existência e geralmente apresenta uma culpabilidade que se desloca para o vazio interior, que é a nulidade de si mesmo, e isso pode determinar a forma de ser e existir. Na insuportável angústia do trágico existe uma dor indizível e esse sofrimento é psíquico, porque a cada momento da vida se perde algo, seja na separação do que se ama, na frustração do que se deseja ou na união com o que se detesta. Na existência humana tudo tem uma durabilidade limitada e as perdas são condensadas no vazio dos desejos mutilados. No indizível do trágico é impossível fazer o luto do que perdeu e sair da própria dor, porque o indizível é o vazio que destrói todos desejos. O não dizível é o mais absoluto silêncio, no qual as palavras adoecidas se transformam em lágrimas e caminham para a dor de existir.

O filósofo brasileiro Oswaldo Giacoia Júnior (1954) analisa o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência a partir do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Giacoia afirma que Nietzsche buscava – com sua filosofia da tragédia – um sim a vida, e que fosse capaz de assumir e afirmar a existência de forma a incluir o que nela existe de trágico; de melancólico; de belo e alegre. Nesse contexto, trágico é um pensamento que acolhe e glorifica a criação ou a destruição; a vida como a morte; a troca contínua das adversidades, na máxima intensidade. Giacoia nos diz que Nietzsche queria fazer ressurgir a tragédia porque percebia nela “uma forma de vida marcada pela autenticidade e pela recusa de uma postura ingenuamente otimista, artificiosa, satisfeita e conformada com um ideal de felicidade individual e social reduzida a conforto, segurança, ausência de sofrimento”. O trágico surge em Nietzsche nas suas obras de juventude, que foram influenciadas pela metafísica da vontade e pela arte, impulsionadas pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) e pelo músico alemão Wilhelm Richard

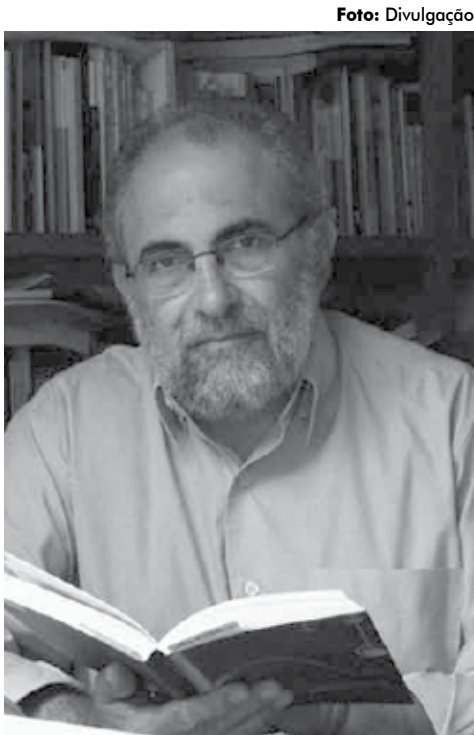


Foto: Divulgação
Escritor e filósofo brasileiro Oswaldo Giacoia Júnior

Wagner (1813-1883). O pensamento trágico de Nietzsche está na crítica à religião; a metafísica; a moral; ao problema da culpa; da mágoa; da responsabilidade, estão todos esses vinculados ao seu conceito de tragédia. Giacoia afirma que esse pensamento via na tragédia uma forma de vida autêntica e a recusa de uma postura ingenuamente otimista e conformada com um ideal de felicidade individual e social, reduzida a conforto, segurança, ausência de sofrimento. Em Nietzsche não existe a pretensão de curar todos os sofrimentos da existência, nem de descobrir e corrigir todos os mistérios da natureza humana e do universo. Um dos seus objetivos é a pretensão de contrastar uma concepção trágico-pagã de justiça, em oposição às teorias da justiça hegemônicas na modernidade.

O filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) afirmou que a convivência com os outros começa pela convivência consigo mesmo. Isso inspira o sentido trágico da vida que pode nos levar a um sentimento heroico, desde que se defina algum entendimento sobre o que fazer com a fragmentação da dignidade e o sentimento poético da existência. Essa experiência não é para evitar a crueldade de uma situação real, assim como a própria vida, sabe-

se os riscos que corre, apesar de não temê-los. A poesia revela a origem do trágico. A falta de poesia é o que tortura e mata. Assim como o sofrimento psíquico e o mal-estar da existência e a integridade física, na ordem social, a poética da existência denuncia todas formas de violências. Nas formações históricas da maldade humana, o fenômeno trágico afirma que o sofrimento atingi os limites da injustiça. O trágico institucional é um desequilíbrio no corpo social. Nos dias atuais existe um sentimento de indignação e temor às falsidades dos gestores políticos, aos meios de violência, ao monstruoso poder da ciência e da técnica. Diante desse trágico... a certeza que se tem é de que o sentido da política se decompõe em ausência de sentido. E qual será o novo conceito de política? Diante do trágico o caminho que resta é a poética da existência na dor de existir. Nessa poética, concluo com o meu poema, *Passos de sangue*:

A hora morta,
Cansada do labirinto do tempo,
Me lança numa noite sem estrelas.

Meus pés sobre os espinhos da morte,
Sangram as flores da noite.
E o corvo das estrelas fúnebres
Arrancam olhos dos meus passos.

Com pedaços de mim...
Me resto numa existência espartejada pelo tempo.

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 273 Domingo Sinfônico, deste dia 28, das 22h até às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Irei apresentar as peças do compositor alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). Ele arrancou do povo alemão os interesses vulgares e elevou à inteligência humana diante da beleza e existência. Wagner denunciou a brutalidade da religião e da política sobre o cidadão. Nas suas peças usou o conceito grego de “ethos” para estimular a honestidade e o “pathos” para construir uma dignidade diante das angustias do interior do humano.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Bálsamo benigno

Jamais à semelhança de Shakespeare, sequer Molière, que encenavam o que escreviam, eu tenho muito zelo pelos meus personagens. E tenho à disposição os mecanismos delirantes para administrar as cenas. Sou mulato e democrático.

Eu mesmo sou várias personagens numa só, atenuando ou agravando a tendência atual de uma “escrita periférica”, que chega aos ouvidos de uns ou nenhuns, incentivando o ódio. Eu luto pelo meu país.

Desde que fiz o papel de Lacan na peça *A Arte de Manter os Cabelos em Pé* (com a jornalista e atriz Selma Tuareg), criei cenas para o desenvolvimento de um vocabulário imagético, quase anormal, habitual na escrita para meu palco que uso até hoje nos últimos dias da pandemia. Eu disse últimos? Cá entre nós. Eu sou um bálsamo benigno. Mas não tire onda. Odeio quem faz caridade e posta no Instagram. É feio.

Desviando-se do caminho mais flagrante do que resta da humanidade, do pendor mais romantizado ou mais ensaísta que não sou, não adianta ancorar a sua ficção naquele ou em qualquer campo que nos habituamos a chamar de “meu” ou “seu”. O mundo dá muitas voltas, mas precisamos avançar. Nada de misturar política com economia. Vamos salvar o Brasil.

Se você faz uma postagem política, abra espaços para que as pessoas possam opinar. Seja democrático. Ou seja, o que ressalta do conhecimento compreensível (e passível de ser divulgado) dos códigos e “cifras” e da fome de muitos que estão sem perspectivas, que perderam seu trabalho, seu porto, isso precisa ter um fim. Agora me diga, como é que uma pessoa cospe no prato que come?

Por exemplo: eu jamais abocanharia o auxílio do Governo deixando uma legião sem receber, mas muitos o fizeram e vão ter que pagar. Não é só devolver. O tempo da evolução de Darwin, as velhas lentes de Galilei, a sempre atual relatividade de Einstein ou as inúmeras ilações a partir de conceitos como o acaso, ficaram na cabeça de quem aprendeu mais que o bê-á-bá, mas vamos virar o jogo.

Sabendo que a beleza de uma equação matemática é uma obra notável e quase unânime hoje, a trama de onde surge essa onda panfletária e maldita contra o Brasil, e por consequência este picadeiro sujo, vem de criaturas que estavam acostumadas a ganhar fácil, sem sequer dá um prego numa barra de sabão.

Ninguém pense que vive-se de redes sociais a vida toda, da “rádio corredor” dos *fakes news* que inevitavelmente se cruza com o reflexo de mostrar a natureza de muitos. Cara a cara. A saber: a tragédia dos outros, essa triste epopeia, a consciência pesada do sapato mais caro, o luxo com o dinheiro fácil. Chega!

Eu vou de Bocage, os simpósios dos Lusíadas, o mundo-como-paz-e-representação, mas que todos possam ter seu lugar ao sol. Salve até a metafísica cômica de Woody Allen. Entenderam?

Precisamos todos rejuvenescer, já disse Belchior, mas precisamos todos oferecer o melhor para o nosso país. O resto, é roubalheira, sacanagem, bandidagem, miudezas e aproveitadores pendurados em suas redes sociais de punhos de plástico.

Kapetadas

- 1 - Céus, o ano vai acabar sem nem ter começado;
- 2 - Prefiro os defeitos de uma pessoa do bem do que as qualidades de uma pessoa do mal. E priu;
- 3 - Som na caixa: “Alô, alô, marciano / aqui quem fala é da Terra / pra variar estamos em guerra”, Rita Lee.



Foto: Divulgação
Galileu Galilei (1564-1642), criador do primeiro modelo de telescópio

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cenografias deléveis de um cinema imaginário

Desde quando eu me entendi de gente, ainda muito jovem, mas já com a cabeça cheia de sonhos e imagens, por conta de minha estreita relação com o cinema, junto ao meu pai, uma “cenografia” que sempre me impressionou foi a das noites juninas e de suas fogueiras. Festas embandeiradas e coloridas durante o fausto de Santo Antonio, São João (nome de um de nossos cinemas, em Santa Rita) e São Pedro, esse, cuja data celebramos neste domingo.

Mesmo já metido em cinema, aos oito anos de idade via nos lumes das fogueiras a luminosidade de um “ecrãs” semelhante a de uma arte mágica, por mim então vivenciada, e que passaria a envolver-me por toda a vida.

Sempre me foi prazeroso o culto às lanternas cintiladas por velas acesas ao cair da noite, sentido o cheiro da madeira estalando em brasas no terreiro de casa, sob um bambuzal ornamental que apanhara às margens do Rio Preto próximo de minha casa. Uma cumplicidade sobretudo maternal, naqueles momentos, re- vigorava ainda mais a minha paixão pelas noites juninas. Até por que o meu pai saía mais cedo para o cinema, advertindo-me a não me atrasar para a sessão daquela noite, que começava às 20 horas em ponto.

Ainda criança, jamais tive uma preocupação em saber o significado real daquela efeméride festiva. Somente lendo, vendo o cinema e acompanhando suas sagas, suas narrativas, pude de fato entender o sentido da origem das festas juninas e suas fogueiras. Coisa que seria mais tarde esclarecida, dentre alfarrábios e pesquisas, também através do cinema e suas lanternas orientais de um filme mágico – Adeus, Minha Concubina, alegórica produção chinesa do início dos anos 1990 e ganhadora do Festival de Cannes.

Mas, como todo bom costume, há controvérsias. Uns, dizem ter o festej- o nascido a partir de uma fogueira feita no alto de uma colina por uma prima de Maria, mãe de Jesus, para anunciar a chegada do seu filho tão

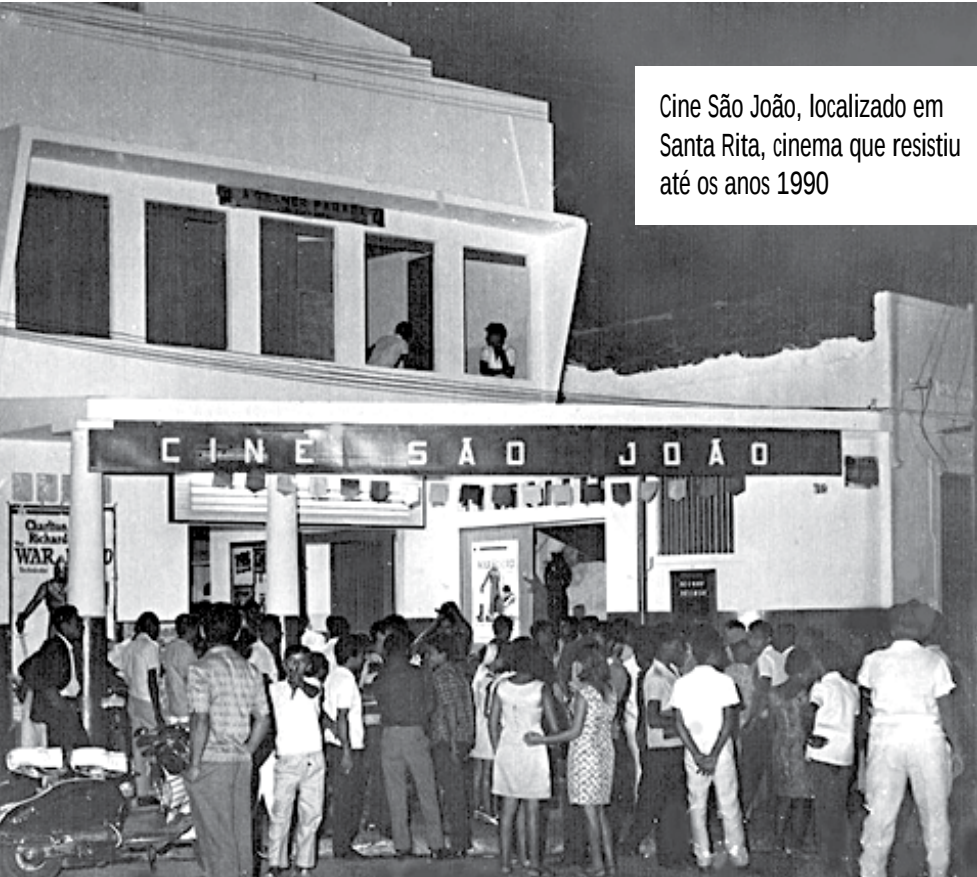


Foto: Arquivo Pessoal

esperado. Outros afirmam ter origem pouco antes da Idade Média, nas manifestações de saudação aos deuses da natureza e da fertilidade. Por isso, considerada como uma “festa pagã”, mas que, com o tempo, receberia a adesão da Igreja como sendo uma festa religiosa. No Brasil, as festas juninas deram entrada trazidas por portugueses na época do descobrimento, ganhando nova feição em toda a região nordestina.

Questões à parte, sobre suas origens, o fato é que as noites juni-

nas foram sempre importantes para mim. Até hoje, trazem um misto de nostalgia boa, de encantamento, que somente através do cinema consigo mergulhar nesse brilho do mais puro fascínio. Um deslumbre que tento repassar para os meus netinhos, Arthur e Miguel, crianças lindas e virtuosas a encararem um mundo incerto. Espero não tão cruel como o de agora, quando nos deparamos com uma dupla pandemia: sanitária e ideológica. – Mais “coisas de cinema”, acesse www.alexssantos.com.br.



Fanpage da APC

O Cinema na ordem do dia é o que tenta imprimir o Acadêmico Carlos Meira Trigueiro, Cadeira 48 da APC. Acompanhe as opiniões, informes, lives e imagens exclusivas sobre o cinema paraibano, brasileiro e do exterior, na fanpage da APC no Facebook, com mais de 300 fiéis seguidores. Acesse e faça parte dessa rede cinematográfica (www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/).

Neste domingo



Foto: Divulgação

Cantora e artista performática Jane Di Castro será uma das atrações da ‘live’ de 10 horas



Através do QR Code acima, acesse a fanpage no Facebook da Aliança Nacional LGBTI+

Parada do Orgulho LGBTI será on-line

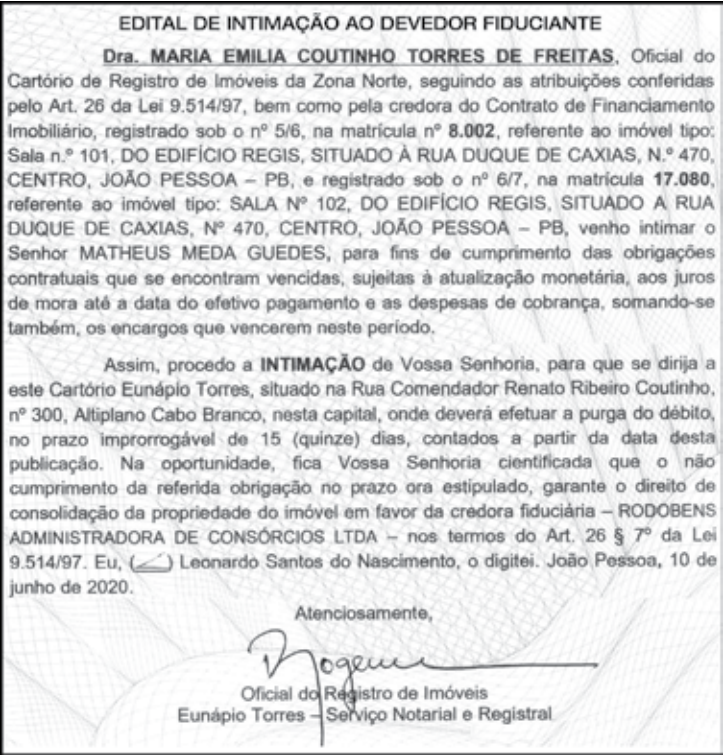
Hoje, a partir das 14h, acontecerá o Festival de Cultura e Parada On-line do Orgulho LGBTI Brasil.

O evento, que tem formato 100% digital, acontecerá em celebração ao Dia Mundial do Orgulho LGBTI e será transmitido exclusivamente pelas redes sociais (através do Facebook da Aliança Nacional LGBTI+).

Serão 10 horas ininterruptas com diversas atrações culturais, saudações de personalidades, lideranças políticas, lideranças LGBTI e dos Direitos Hum-

nos além de relatos de pessoas LGBTI com histórias de superação.

O set artístico contará com performances exclusivas de artistas como Jane Di Castro, Lorna Washington, Elza Ribeiro, Suzy Brasil, Pocah, Projeto Síncope e Boi Garantido de Parintins, Coral LGBT de São Paulo, Pietro Qvedo, Beny, Cariucha, Kellvn, Romero Ferro, Grupo Filhos de Sá e mais 30 atrações musicais e apresentações de poetas, além de outras expressões artísticas para o evento.



Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Poetas na ilha deserta

Na sua viagem para uma ilha deserta, Ruy Castro leva na bagagem alguns poetas. Como suportar a solidão, distante do mundo, sem o bálsamo da poesia? Faz bem, então, o jornalista e biógrafo de Nelson Rodrigues. A poesia é essencial tanto àquele que se digladiava com os tormentos da dura civilização quanto ao que escolhe isolar-se em algum sítio silencioso das paragens naturais.

Fiquei pensando que poetas levaria se me fosse dado o prêmio de partir em busca de paz, sossego e segurança, para essa imaginária e arquetípica ilha deserta.

Ruy Castro deixa-se acompanhar por nomes célebres, todos de poetas mortos, dentre os quais destaco Olavo Bilac, Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Souza e Mário Pederneiras. Tirante o primeiro, mestre do Parnaso e adepto da forma perfeita, parece predominar, em seu gosto estético, a índole simbolista do verso, calcado na esfera rarefeita dos sentimentos difusos e angelicais, assim como na tessitura melódica elaborada no encontro de palavras vagas e de cadências fluidas e obliquas. Fico imaginando por que Ruy Castro também não leva Cecília Meireles, Murilo Araújo, Tasso da Silveira, certo Jorge de Lima e certo Dante Milano.

De minha parte, também só levarei gente morta. Mas, atendendo a critério de ordem íntima e subjetiva de que não me cabe falar agora, dispense as figuras notáveis e os grandes nomes do cânone literário. Dessa vez não irá comigo, por exemplo, Augusto dos Anjos, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Fernando Pessoa, Camilo Pessanha nem Cesário Verde, só para me ater às fronteiras do idioma português.

Prefiro gente mais simples, humilde, desconhecida, vestida à maneira provinciana, e que viveu, de certo modo, o conforto vertical do anonimato. Gente que conheci de perto numa mistura de convivência crítica, afetiva e literária, dividindo os pruridos das afinidades eletivas e as pequeninas glórias de um mercado editorial que não cruza a ponte do Rio Sanhauá.

Levo Magno Meira, com sua brochura, O visível silêncio. Seu verso singelo, sem artifícios, cheios de emoção, ecoará sua silente dor na hora dos crepúsculos fugidios. Magno, que quase não falava, disse-me muita coisa com sua poesia magra e reticente.

Levo Dinamérico Soares e seus poemas esparsos, engendrados dentro de uma lógica metafórica que sempre me surpreende e encanta. Na beleza de seus versos reside uma centelha trágica como que a anunciar, sem hipérboles nem apóstrofes, o fim trágico que a si mesmo se deu nas águas do Açude Velho, sob o olhar noturno da Serra.

Levo Lúcio Lins, e com ele, o mar, as espumas, os navios, os naufrágios e todas as águas que correm pelas ondas de seus versos jogados no papel como barcos bêbados ou como búzios desesperados. Lúcio é a poesia feita de relâmpagos, palavras que se acendem como raios enlouquecidos na miragem dos instantes mágicos.

Levo Eulajose Dias de Araújo, a arma poética, a maresia dos poemas e o dilúvio de palavras. Digamos que sua poesia possui a alquimia de uma tesoura afiada a cortar e a aparar as franjas do sonho e os cabelos excessivos da memória e da fantasia. Eulajose reúne, no corpo de um mesmo poema, a modéstia vocabular com a exuberância de sentidos, a propósito, algo pouco comum aos poetas convencionais.

E levo Vanildo Brito, e com ele, os ventos tristes que povoam as noites ermas do Cariri e todo o sal que alaga as entranhas do bífido mar de Cabo Branco. Medida e ousada, clássica e moderna, épica, lírica e elegíaca, sua poesia me fará bem. Seus sons compassados, suas ideias profundas, suas imagens tocadas pela luz primordial serão o alimento primeiro de minha alma, a cada dia no tempo que durar a minha solidão.

Vou lê-los, como sempre fiz. Com respeito e amor. Convicto de que a sua poesia é genuína poesia e merece ser lida por qualquer leitor. Seja aqui, seja ali, seja acolá, na ilha deserta!

(Em tempo: a crônica de hoje é do poetinha Ed Porto, que só não levo para a ilha deserta porque ainda vive...).

Colunista colaborador





Foto: Ascom/Botafoogo/Pl

Fonte: Wikipédia

Mauro Fernandes aposta **NO ACESSO À SÉRIE B**

Embora a conquista do tetra estadual seja uma obrigação, meta principal do Botafogo é subir de divisão no Brasileiro

Ivo Marques

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O novo técnico do Botafogo é mineiro de Sete Lagoas, mas a sua ligação com o futebol paraibano é muito forte e não só apenas como treinador; onde começou a sua carreira, mas também como jogador. Ele foi um atacante goleador, que desembarcou na Paraíba em 1980, para jogar no Campinense, onde foi bicampeão do Estado, inclusive marcando o gol do título. Depois foi jogar no Treze, onde também foi campeão, daí seguiu para o Botafogo e terminou a sua carreira de jogador no Auto Esporte.

Depois de jogar nos quatro grandes times da Paraíba, Mauro Fernandes começou a sua carreira de treinador no Auto Esporte, em 1984. Antes, porém, tinha sido convidado para ser supervisor ou diretor no Belo, mas disse que só aceitava ser treinador, e então esqueceu o futebol por uns tempos e colocou um restaurante na Lagoa. Após ser técnico no Alvirubro, onde assumiu o time na sétima colocação e chegou ao quadrangular final do Paraibano, seguiu para o Botafogo, aí sim como queria técnico, onde foi campeão duas vezes, em 1986 e 1988. No ano de sua chegada no Belo, Mauro Fernandes viveu a sua maior emoção no futebol.

“Quando eu fui para o Botafogo, em 86, faltavam apenas 7 jogos para acabar o campeonato e só um milagre tiraria o título do Treze, que na época era um timaço, praticamente imbatível na Paraíba. De cara, eu perdi para o Santa Cruz de Santa Rita. Aí fiz uma dura reunião com os jogadores e pedi o máximo deles. Daí em diante, ganhamos todos os 6 jogos que restavam e na última rodada, o Treze conseguiu perder para

o Santos, por 1 a 0, com um gol aos 45 minutos. Esta zebra nos deu o título na época e aí foi uma emoção sem tamanho, uma façanha que parecia impossível”, afirmou o treinador.

Começava a brilhar a estrela do treinador, que se transferiu para o ABC de Natal, onde conquistou o título do Rio Grande do Norte, após um jejum de 10 anos do alvinegro potiguar. Mauro começava ali a dar voos muito mais altos, sendo campeão por diversas equipes em vários estados, dirigindo alguns dos maiores clubes do país.

Ser apenas campeão estadual era pouco para o treinador, que queria ir mais longe e levar equipes de menor expressão na época a subirem de divisão, como o América Mineiro e o Vitória da Bahia, que passaram a fazer parte da elite do futebol nacional. Mas foi no Atlético de Goiás, que Mauro conseguiu o seu título mais importante.

“Cheguei no Atlético e levei o clube a conquistar o título brasileiro da Série C. Prometi na época que iria levar o clube à primeira divisão e aconteceu. Nos classificamos para a Série B e depois chegamos à Série A”, disse orgulhoso o técnico.

Convite do Botafogo

Segundo Mauro, a sua ligação com o Botafogo é muito forte e o namoro para voltar ao clube começou na verdade há dois anos, quando chegou a negociar com o presidente da época, José Freire, o Zezinho Botafogo.

"Infelizmente depois não deu certo. Mas, sempre tive muitos amigos no clube e ouvi de um deles, este ano. Olha os caras vão aí atrás de você. Aí conversamos uns 3 dias e acabou dando certo. Topei esse desafio e pode acreditar, voltei para levar o Botafogo não só para a Série B, mas para chegar

à Série A, porque o clube tem condições disto, melhorando um pouco a sua estrutura. Onde passei fui vencedor e campeão e pode ter certeza que no Botafogo agora não será diferente”, enfatizou mostrando otimismo.

Sobre o seu esquema e sua forma de jogar, Mauro Fernandes fez questão de frisar que vive intensamente o futebol e vem acompanhando ao longo dos anos todas as mudanças táticas que aconteceram e seu estilo é ofensivo.

“No dia em que eu não estiver por dentro do que está acontecendo no futebol, eu encerro minha carreira de treinador. É uma obrigação minha

acompanhar tudo o que acontece. Quanto ao meu estilo, sou do tempo em que o principal objetivo de um time era fazer gol, jogar para frente, claro que com cuidados defensivos, mas jogar bonito e em direção ao gol. Isto deveria ser a filosofia de todo treinador.

Sobre a crítica que alguns torcedores fazem, de que ele estaria velho e obsoleto, Mauro responde: "De um tempo para cá, estamos dando muito valor aos jovens treinadores, alguns que nunca jogaram bola e cheios de esquemas táticos de fechar a equipe e robotizar os atletas. Estamos copiando o que a Europa fazia, e eles fazem-

do agora o que nós fazíamos, jogando de forma ofensiva e tendo mais sucesso. Não tenho nada contra os jovens, porque tem que haver uma renovação, e eles têm de aprender com os mais experientes. Há um exagero, parece até que eles inventaram o futebol. Fora o Carille no Corinthians, qual o que vem fazendo este sucesso todo e acumulando títulos? A principal referência hoje no futebol brasileiro é o português Jorge Jesus, do Flamengo, e não é uma cara novo", justificou.

Sobre a necessidade de novas contratações no Botafogo, Mauro foi enfático. "Não posso e nem devo fazer

qualquer mudança, sem antes treinar os jogadores. Assim, poderia cometer uma injustiça com alguém. Sou do tipo que gosto de tirar o máximo de cada jogador. Às vezes, um determinado atleta tem um grande potencial e está escondido na reserva, sem chances de mostrar seu futebol. Por isso, quero dar chances iguais para todo mundo e quero que os atletas deem o máximo de si, jogarão aqueles que melhor estiverem no momento. Conheço já uns 8 jogadores do atual elenco e são bons atletas”, disse Mauro prometendo um Botafogo jogando bonito e em busca do gol.

+ Antes de ser técnico, se destacou como atacante



Mauro Fernandes jogou no Campinense e chegou a ser agredido pelo zagueiro Israel, do Treze.

Ivo Marques

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Mauro Fernandes é lembrado pelos torcedores mais antigos como um goleador e um atleta de destaque nos clássicos dos maiores no

início da década de 80. Ele sempre deixava a sua marca nas redes, mas ele é lembrado também por um lance de violência que ocorreu fora de campo. Ao final de um dos clássicos muito disputado, com muitos lances rígidos e uma vitória

do Campinense, Mauro foi agredido com uma lata no rosto por um adversário.

"Naquela época, o futebol era muito discutido dentro de campo, com muita provocação e ao final de um jogo contra o Treze, eu estava dando uma entrevista ao repórter Adalberto Alves, quando o zagueiro Israel do Galo veio por trás, pegou uma lata e deu um soco em mim e correu. Sai para o túnel sangrando, mas era coisa mesmo do futebol daquela época", confirmou o hoje treinador do Botafogo.

O fato foi confirmado pelo repórter Onivaldo Elias da Rádio Cidade Esperança, conhecido por Bob Esponja. "Na época, ainda não era um profissional de rádio. Estava nas arquibancadas como torcedor do Treze e vi todo o tumulto. Estranhei, porque o jogo já tinha terminado, mas a rivalidade de Treze e Campinense sempre foi muito grande, e isso explica a confusão formada após o clássico dos maiores", declarou o radialista.



Parceria permitirá que biomas da região Nordeste sejam monitorados de forma mais eficaz, facilitando a fiscalização e a prevenção de ações degradantes, como o desmatamento, ou ajudando no controle da desertificação

Estados do NE se unem para preservar riquezas naturais

Consórcio Nordeste firma parceria com o MapBiomas para mapear uso da terra e adotar medidas de proteção

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

A Paraíba deverá ter acesso a uma maior qualidade e quantidade de informações sobre o uso do solo, podendo acompanhar melhor ações como o desmatamento de Mata Atlântica, caatinga e outros biomas. Isso será possível graças a uma parceria de cooperação técnica anunciada entre o Consórcio Nordeste - grupo de gestão pública formado entre os nove estados da região - e o Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo no Brasil (MapBiomas), rede multi-institucional que faz o mapeamento do uso da terra por meio de geolocalização.

De acordo com o diretor técnico da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Itaragil Venâncio Marinho, os resultados obtidos a partir

do monitoramento feito por ferramentas disponibilizadas pelo MapBiomas ajudarão os gestores públicos na tomada de decisão para proteção do meio ambiente.

As análises poderão ser utilizadas para melhorar a proteção, valorização e recuperação dos recursos naturais, bem como para o nivelamento das políticas públicas nas áreas de meio ambiente, recursos hídricos, infraestrutura e desenvolvimento. “Será possível evitar ações causadoras de danos ambientais em regiões e locais de interesse”, completou Itaragil.

A ideia de firmar parceria com o projeto MapBiomas surgiu a partir de um workshop, realizado este ano com o Consórcio Nordeste, quando o Governo da Paraíba entendeu a importância do projeto para otimizar a qualidade da ação pública no acompanhamento

dos biomas. Itaragil Marinho conta que, na ocasião, o secretário de Infraestrutura, Recursos Hídricos e Meio Ambiente, Deusdete Queiroga, acionou a Sudema para conhecer melhor a proposta e avaliar como desenvolver, na Paraíba, a metodologia de monitoramento do uso do solo de forma colaborativa, rápida, confiável e de baixo custo.

O coordenador do MapBiomas, Tasso Azevedo, afirmou que esse trabalho de acompanhamento do uso do solo inclui a capacitação de profissionais dos estados parceiros. “Tem muito desmatamento ilegal no Brasil e poucas ações para evitá-lo. Então, esse trabalho busca incentivar essas ações. O outro lado do projeto é que a gente treina os técnicos dos órgãos para que eles possam usar os dados de cobertura de uso da terra para que, posteriormen-

te, sejam aplicados em políticas públicas. Tudo isso não envolve nenhum custo para os estados, porque captamos recursos com a filantropia privada”, reforçou.

De acordo com o diretor técnico da Sudema, por conta da pandemia e do isolamento social, os diálogos sobre a parceria caminham em ritmo mais lento. Mas, o órgão já está analisando a perspectiva de adesão ao sistema colaborativo, já que a superintendência possui pessoal técnico capacitado em geoprocessamento podendo, inclusive, estudar a possibilidade de fornecer contrapartida ao projeto, conforme a disponibilidade e a necessidade verificada na parceria. “Historicamente, a Paraíba é pioneira no monitoramento dos seus recursos naturais, especificamente da cobertura florestal”, declarou Itaragil.

SAIBA MAIS

■ Consórcio Nordeste

O Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste (Consórcio Nordeste) foi criado em março de 2019 pelos nove estados que integram a região. A ideia é constituir um mecanismo que tem por finalidade atrair investimentos e impulsionar projetos para o Nordeste, de forma integrada, estimulando a melhoria da economia e das políticas públicas dos estados nordestinos.

■ MapBiomas

O projeto de Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo do Brasil (MapBiomas) tem como propósito contribuir para o entendimento da dinâmica do uso do solo no Brasil e em outros países tropicais. A iniciativa envolve uma rede colaborativa com especialistas nos biomas, usos da terra, sensoriamento remoto, SIG e ciência da computação. A equipe utiliza processamento em nuvem e classificadores automatizados, desenvolvidos e operados a partir da plataforma Google Earth Engine para gerar uma série histórica de mapas anuais de cobertura e uso da terra do Brasil. Os profissionais do projeto trabalham em escritórios e laboratórios espalhados por várias cidades brasileiras incluindo Belém, Recife, Florianópolis, São Paulo, Brasília, Feira de Santana e Porto Alegre.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Entre veias abertas da América Latina

“Eu, senhor, me chamo Gabriel García Márquez *(foto)*. Sinto muito: eu também não gosto desse nome, porque é uma série de lugares comuns que nunca consegui identificar comigo. Sou escritor por timidez. Minha verdadeira vocação é a de prestidigitador, mas me ofusco tanto tentando fazer um truque que tive que me esconder na literatura. As duas atividades, em todo caso, conduzem à única coisa que me interessou desde pequeno: que meus amigos me achassem o máximo”.

Com toda essa simplicidade, o colombiano Gabo - morto na Cidade do México em abril de 2014 - fazia sua autoapresentação na época do lançamento de “Cem anos de solidão”, o livro que definitivamente o levaria ao Prêmio Nobel, há 28 anos. Para datar bem essas coisas, “Cem anos de solidão” foi escrito entre 1965 e 1967, na casa no México em que ele voltou a ocupar em 1997 por chorar pela Colômbia. Por não poder ficar no país natal, segundo suas próprias palavras, agora “incômodo, inseguro e intranquilo para escrever”.

Entre os livros menos badalados por aqui de García Márquez, gosto muito de



“Relato de um naufrago”. Por isso, a seguir a transcrição de trechos de seu capítulo final, para lembrar que Gabo existiu como então não havia muitos fazendo literatura de qualidade entre as veias abertas da América Latina.

■■■■■■■■■■

“Nunca pensei que um homem se transformasse em herói por ficar dez dias numa balsa, suportando a fome e a sede. Eu não podia fazer outra coisa. Se a balsa fosse abastecida com água, biscoito, bússola e instrumentos de pesca, certamente estaria tão vivo como agora. Mas com uma

diferença: não teria sido tratado como um herói. De maneira que o heroísmo, no meu caso, consiste exclusivamente em não ter me deixado morrer de fome e sede durante dez dias.

“Não fiz nehum esforço para ser herói. Tudo que fiz foi para me salvar. Mas como a salvação veio envolta numa aureola, premiada com o título de herói como um bombom com surpresa, não tive outro recurso senão suportar a salvação, como havia chegado, com heroísmo e tudo.

“As pessoas me perguntam como é que um herói se sente. Nunca sei o que responder. De minha parte, sinto o mesmo que antes. Não mudei nem por dentro nem por fora. As queimaduras do sol deixaram de doer. A ferida do joelho cicatrizou. Sou outra vez Luis Alexandre Velasco. E isso me basta.

“Mudaram as pessoas. Meus amigos são agora mais amigos que antes. E eu imagino que meus inimigos são mais inimigos, ainda que não acredite tê-los. Quando alguém me reconhece na rua, fica me olhando como a um animal estranho. Por isso ando mais à paisana, até que as pessoas

se esqueçam de que estive dez dias sem comer nem beber em uma balsa.

“A primeira sensação que se tem quando se começa a ser importante é a de que, durante todo o dia e toda a noite, em qualquer circunstância, as pessoas gostam que a gente lhes fale de si mesmo.

“(…) Minha vida de herói não tem nada de especial levando às dez da manhã. Vou a um café conversar com os amigos, ou alguma das agências de publicidade que estão fazendo anúncios baseados na minha aventura.

“(…) Conteí minha história na televisão e num programa de rádio. Algumas pessoas me dizem que essa história é uma invenção fantástica. Eu lhes pergunto: Então, o que eu fiz durante dez dias no mar?”.

■■■■■■■■■■

Morto aos 87 anos, García Márquez deixou um legado que foi capaz de levar leitores junto com ele e fazê-los acreditar em qualquer coisa -- ou naquilo que o chamado realismo mágico pode criar.

O trabalho do autor baseou-se tanto em sua vivência como jornalista na América Latina, a admiração por William Faulkner e Mark Twain, quanto histórias vividas durante sua infância na casa de seus avós em Aracataca, na Colômbia.

Antes de sua morte, já fazia mais de dez anos que o escritor não publicava nada. García Márquez disse que a escrita o desgastou e que queria mais tempo para aproveitar a vida de outra forma. Assim o fez.

Parceria vai garantir avanço inédito à PB, afirma Sudema

Projeto oferece soluções rápidas e colaborativas com uso de tecnologias automatizadas e foco na realidade local

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

O diretor técnico da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Itaragil Venâncio Marinho, declarou que as contribuições práticas da parceria entre o Consórcio Nordeste e o MapBiomas irão proporcionar um avanço inédito para a Paraíba, já que o projeto oferece soluções rápidas e colaborativas, com uso de tecnologias automatizadas, em sistemas de plataforma aberta (qualquer um pode participar).

Segundo ele, as análises feitas pela rede colaborativa têm a capacidade de aplicação em qualquer contexto, sendo desenhada com contribuição científica, mas com foco na realidade local. “Além disso, a Paraíba realizou no ano passado uma outra parceria com o Serviço Florestal Brasileiro, sendo realizado o Inventário Florestal Nacional na Paraíba (IFN-PB), com resultados publicados e disponíveis na internet, também com acesso livre, onde foi possível obter informações quantitativas e qualitativas do uso do solo em todo o território estadual, além de gerar resultados sobre a cobertura florestal e a visão da sociedade sobre a utilização desse recurso natural”, completou.

Ele frisou que a concretização dessa parceria com o MapBiomas irá resultar em um maior conhecimento da cobertura de uso e ocupação do solo, não apenas na Paraíba, mas também em todo Nordeste. Isso é possível porque o acordo com o Consórcio Nordeste garante uma visão integrada da caatinga e da Mata Atlântica, biomas que abrangem os Estados nordestinos.

A parceria entre o Consórcio Nordeste e o MapBiomas permitirá visão integrada dos biomas da região



Itaragil Venâncio, diretor técnico da Sudema, diz que parceria representa um ganho para toda a região Nordeste

Foto: Arquivo pessoal

Efetivação deve ocorrer em 60 dias

O chefe de gabinete do Consórcio Nordeste, Glauber Piva, explicou que a ideia inicial da parceria partiu do Estado de Pernambuco, que já tinha uma relação com o MapBiomas e propôs que ela fosse estendida para o Consórcio Nordeste.

De acordo com ele, os diálogos e os trâmites burocráticos para a concretização da parceria estão em andamento e a estimativa é que tudo seja efetivado em cerca de 60 dias.

“Esse processo da parceria está tramitando ainda. Estamos na fase de troca de minutos, de termo de cooperação, mas já estamos participando de algumas conversas sobre os benefícios do projeto. A previsão é terminar esses trâmites em 60 dias”, afirmou.

O MapBiomas, segundo ele, é um importante mecanismo de monitoramento do uso do solo e, com o acordo, os estados do Nordeste vão ter uma ferramenta potente para auxiliar na regulação do utilização da terra.

“Um dos benefícios do MapBiomas é contribuir para que os órgãos de regulação e controle dos Estados do Nordeste possam acompanhar e fiscalizar as ações de desmatamento irregular”.

Glauber Piva afirmou que o projeto é constituído por uma tecnologia bem desenvolvida, que vai colocar nas mãos dos gestores públicos o acompanhamento online de todo uso do solo. “Então, com a parceria, os órgãos estaduais e ambientais terão a oportunidade de acessar a ferramenta cotidianamente, ter essa assessoria para agir sempre que for detectada alguma irregularidade”, frisou.

Uso da terra e desmatamento sob vigilância

“Com o MapBiomas, a Paraíba vai ter acesso a uma informação de qualidade sobre a evolução do uso da terra e sobre o desmatamento, sem custo. Esses dados podem ser usados em várias ações de políticas públicas, como a gestão de recursos hídricos, no combate ao desmatamento, na conservação das áreas protegidas e no planejamento da agropecuária”. A declaração foi do coordenador geral do Mapeamento Anual da Cobertura e Uso do Solo do Brasil (MapBiomas), Tasso Germano.

Ao todo, o projeto monitora 20 áreas de uso do solo. Entre elas, as florestas, savanas, caatingas, mangues, áreas de vegetação, pastagens, agricultura, mineração, áreas urbanas, águas, aquicultura, dunas, praias e apicuns. “Desde 1985 até os dias atuais, é feito um mapa para cada ano”, reforçou Tasso. As análises, disponíveis para consulta pública de forma online, abrangem grandes áreas, a exemplo de um país como o Brasil, como também mostram outros recortes de um Estado, um município, um determinado bioma ou área de conservação.

Quando indagado sobre as contribuições que o acordo de cooperação técnica vai trazer para a

Paraíba e para a região, Tasso Germano afirmou que a parceria com o Consórcio Nordeste foi impulsionado, principalmente, por um produto do projeto chamado MapBiomas Alerta. Nele, a equipe valida, refina e faz relatórios de todos os desmatamentos detectados no país, dando detalhes sobre essa prática e informando a extensão da área desflorestada, quando iniciou, qual propriedade pertencia, se era ou não autorizada, entre outras informações.

Com os dados em mãos, é elaborado um laudo que, segundo Germano, deveria ser feito pelos órgãos ambientais. “Só que esse laudo é demorado e custoso. Então, o que a gente fez foi desenvolver um método, usando aprendizado de máquina, inteligência artificial, imagem de alta resolução, computação e nuvem, para poder gerar esses relatórios em grande quantidade para disponibilizar para os órgãos ambientais”, explicou.

Segundo ele, como cada Estado, secretaria ou órgão de meio ambiente têm suas necessidades e legislações específicas, foi pensado também um mecanismo que permite customizar esses relatórios para os diferentes Estados, suprimindo essas necessidades.

“O relatório customizado só pode ser impresso pelos próprios órgãos que customizam. Esse é o carro-chefe do acordo do Consórcio, para que a gente possa avançar mais rapidamente com os governos no Nordeste e eles tenham acesso a esses dados”.

Além de fornecer informações sobre as transformações observadas na utilização da terra, o acordo também permite a troca de conhecimento e experiências entre órgãos, entidades, ambientalistas e secretarias ligados à área ambiental. O contato com os órgãos estaduais também otimiza a busca de dados por parte da equipe do MapBiomas. “Às vezes, dados como as autorizações de desmatamento nem sempre estão disponíveis no sistema nacional, onde fazemos a consulta. Com a parceria, podemos ter o acesso a essas informações diretamente com os Estados. Isso faz com que os relatórios fiquem mais atualizados”.

Tasso Germano explicou que a plataforma do projeto ainda divulga as ações tomadas pelos gestores diante das informações de degradação obtidas por meio do monitoramento do uso do solo. Ou seja, o MapBiomas também dá visibilidade às práticas adotadas pelos Estados.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Cultura popular e as lutas camponesas

“A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método. Melhor ainda, a História, da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe.” O autor desta afirmação, Paul Veyne, é professor do Collège de France, doutor em Letras e especialista em história da antiguidade Greco-romana, nascido em 1930, na cidade de Aix-en-Provence, na França.

Com todo respeito aos nossos historiadores, quem já ouviu falar de um homem chamado Biu Pacatuba, uma das maiores referências nas lutas camponesas do começo da década de sessenta na Paraíba? De que forma e com quais métodos, e ainda com que ideologia se pensa e se pesquisa a história das pessoas num país tão injusto socialmente como o Brasil? Que fatos históricos vão ser registrados e como se desenhará a personalidade e as motivações dos indivíduos?

Machado de Assis: “O imprevisto é

uma espécie de deus avulso”. O acaso me fez conhecer Maria Helena Malheiros, bancária aposentada, natural de Sapé. Filha de Pacatuba, ela quem me contou a saga de sua família na várzea do Paraíba durante e depois do vendaval político que varreu as cidades de Mari, Sapé, Itabaiana, Pilar e São Miguel de Taipu. A guerra do latifúndio contra os camponeses, a bela história da organização e resistência dos rurícolas e a repressão que se abateu sobre o movimento das Ligas Camponesas têm no Biu Pacatuba uma personagem principal. Figura tímida e sem carisma de agitador de massas, seu trabalho era no boca-a-boca, na doutrinação dos companheiros, na luta do cotidiano, com coragem e fé na união dos campesinos.

A história não foi generosa com o reconhecimento desse vulto fundamental das Ligas Camponesas. Foi o primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapé, pelo simples fato de que era o único alfabetizado.

Não queria a função de comando, não era de sua índole dirigir as massas, mas aceitou o cargo para o bem da organização. Lutou, foi preso juntamente com Pedro Fuba e outras lideranças, torturado e perseguido até morrer.

Ao tomar conhecimento dos fatos ligados à vida de Biu Pacatuba, pedi autorização à família para narrar o caso em um folheto de cordel, que saiu pela A União Editora. Acho que é uma dívida que se paga à memória de um herói do povo, um lutador ilustre e destemido que sacrificou a família e sua própria vida pela justiça social. O papel que desempenhou nas Ligas Camponesas ainda será reconhecido. O semifeudalismo da Paraíba de então via em homens como Biu Pacatuba apenas subversivos a serviço do comunismo internacional. As relações vergonhosas de submissão de homens paupérrimos aos senhores das usinas foram o estopim das revoltas e da necessidade de associação dos pequenos produtores rurais e trabalha-

dores do eito, em busca da superação desse estado de miséria e humilhação seculares.

Biu Pacatuba é um símbolo maior desses heróis do povo, que se projetam para além do seu tempo. São exemplos de dignidade que merecem o justo reconhecimento dos brasileiros. Banido dos estudos do nosso passado recente, Biu Pacatuba restabelece seu protagonismo nesta humilde obra em linguagem popular, simples como os irmãos camponeses.

É minha contribuição ao resgate da memória de um homem, coautor de uma das mais empolgantes e trágicas páginas da História da Paraíba. Preso político, perseguido e anistiado depois de morto, dedico toda sua exemplar existência ao combate às injustiças sociais perpetradas pelos donos do poder em nosso Estado e à luta incansável a favor da justiça social. Que sua vida revolucionária sirva de exemplo para a atual e futuras gerações.

Discriminação no trabalho é dura realidade para LGBTs

Vitória nos EUA pode influenciar outros países e marcar importante avanço rumo à equidade no mercado

Agência Estado

Na última segunda-feira, 15, a Suprema Corte americana declarou ilegal que empresas demitam seus funcionários apenas com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero. Embora tenha acontecido nos Estados Unidos, a decisão representa uma vitória do movimento LGBTI+ rumo à equidade no mercado de trabalho e pode influenciar outros países a fazerem o mesmo. No Brasil, há leis que proíbem a discriminação, mas o problema continua sendo a cultura não inclusiva das empresas.

No caso dos EUA, a decisão se baseou em uma lei de 1964, que já proibia a discriminação no local de trabalho por raça, cor, religião, sexo ou origem nacional. Como nem metade dos 50 estados do país possuem leis específicas para a população LGBTI+, o problema estava na interpretação da lei nacional: por não falar explicitamente em identidade de gênero ou orientação sexual muitas vezes não garantia aos trabalhadores a sua aplicação.

“Eu acompanhava essa discussão há mais de um ano e o pessoal falava que a chance de a Suprema Corte tornar essas demissões ilegais era grande porque muitas empresas estavam apoiando a causa. Elas estavam ao lado dos LGBT e a boa notícia é que elas também estão no Brasil”, aponta Márcia Rocha, advogada e uma das fundadoras da Transempregos, plataforma de empregabilidade para transgêneros.

Nos EUA, mais de 200 empresas assinaram um do-

cumento para pressionar a Suprema Corte em sua decisão. Muitas delas são parceiras da Transempregos no Brasil, como a Accenture, o Facebook, a JP Morgan e o Google.

Para os especialistas, em termos legais, o Brasil está até mais avançado que os Estados Unidos, o problema é a aplicação desse entendimento dentro do mercado de trabalho. A advogada Luanda Pires destaca que a lei brasileira protege o trabalhador LGBTI+ em três frentes. A primeira é a própria Constituição, que garante o princípio da igualdade.

Há também a Lei 9.025, de 1995, que proíbe qualquer prática discriminatória no trabalho por sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, deficiência, reabilitação profissional, idade, entre outros. Nesse caso, o “entre outros” abrange identidade de gênero e orientação sexual.

Em terceiro, ainda que não diga respeito exclusivamente ao ambiente de trabalho, também há a decisão do Supremo Tribunal Federal do ano passado que enquadrrou a homofobia e a transfobia na lei dos crimes de racismo até que o Congresso aprove uma legislação sobre o tema.

“Se a pessoa identificou que foi discriminação de cunho homotransfóbico, ela tem que comunicar os superiores, caso ela não venha diretamente do superior. Se não for tomada nenhuma medida, o que orientamos é entrar com processo de rescisão indireta, para que a Justiça determine que ela seja mandada embora e indenizada. Além disso, entra com o processo



Foto: Pixabay

PARA DENUNCIAR HOMOTRANSFOBIA NO LOCAL DE TRABALHO

A denúncia deve ser feita no site do Ministério Público do Trabalho ou pelo aplicativo MPT Pardal. Também é possível registrar a denúncia nas Superintendências Regionais do Trabalho e no sindicato da categoria. A vítima ainda pode procurar a Comissão de Diversidade da OAB para receber orientação sobre quais procedimentos tomar. A comissão, a depender da cidade, também disponibiliza acolhimento psicológico.

Atos públicos por todo o mundo pedem fim do preconceito contra o público LGBTI+ e igualdade de oportunidades

dentro da lei do STF, para que o causador do dano responda de forma criminal”, explica Luanda.

De acordo com o Ministério Público do Trabalho, em 2019 o órgão registrou 204 denúncias de discriminação por orientação sexual, 49 delas no Estado de São Paulo. De janeiro a junho deste ano, já foram registradas 40 denúncias em todo o país. Para a procuradora do Trabalho Sofia Vilela, os dados refletem uma subnotificação das denúncias.

“Entre a população transexual e travesti a informalidade é tão grande e, muitas vezes, marcada pela prostituição que as denúncias não chegam no MPT. São pessoas que têm muitos problemas para ingressar no mercado de trabalho, por discriminação do nome social, por não poderem usar o banheiro que corresponde ao seu gênero, até discriminação estética direta das empresas. As denúncias são de pessoas que já estão trabalhando ou

que estão saindo do trabalho, mas essa população é tão discriminada que ela sequer entrou no mercado de trabalho”, diz Sofia.

Outra imprecisão nos dados do MPT é que muitas vítimas, ao fazerem as denúncias, listam o problema como abuso hierárquico ou assédio moral, o que dificulta a contabilização. O órgão trabalha para que o filtro “identidade de gênero” seja incorporado à plataforma de denúncias.

Denúncias e inclusão

Uma pesquisa realizada pelo LinkedIn no ano passado mostrou que 35% dos profissionais LGBTI+ já sofreram discriminação no ambiente de trabalho. Deles, 12% afirmaram que o preconceito partiu de líderes da empresa, de forma direta ou velada.

As discriminações podem ocorrer de duas formas. A ativa, quando há a humilhação direta, falada, e a passiva, quando a pessoa é deixada de lado no trabalho, sem equipamento, lugar para ficar e se trocar, sem atividade enquanto o resto da empresa está produzindo. “Temos relatos de pessoas que passavam o dia inteiro trancadas no banheiro porque não tinham o que fazer no trabalho e sofriam pressão”, explica Thaís Faria, oficial técnica regional da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Um ponto unânime entre os especialistas entrevistados é a dificuldade de provar que aquela demissão ocorreu por discriminação. Para isso, a advogada Luanda Pires recomenda que se reúna o maior número de provas possíveis. “Grave conversas, mande a comunicação para o seu superior, registre isso por e-mail ou de alguma forma que você consiga comprovar que foi denunciado, que houve essa conversa.”

Inclusão nas empresas

O caminho, apontam os especialistas, é trabalhar a cultura de inclusão nas empresas. “Nada acontecerá de diferente se a alta liderança das companhias não entender a urgência do tema. As equipes, em todos os seus níveis hierárquicos, precisam estar na mesma página. Além de atrair profissionais LGBTI+, é importante retê-los nas companhias, e de fato incluí-los”, explica Leonardo Freitas, especialista em Carreiras e CEO da HW Human Capital.

O executivo de marketing Eliezer Silveira, gay, viveu uma situação de discriminação. Depois de seis anos trabalhando em uma multinacional de tecnologia, foi chamado à sala do CEO após cumprimentar o marido com um beijo num evento da empresa. Segundo ele, foi ameaçado e informou ao chefe que aquilo era passível de processo. Tempos depois, por outro motivo, foi desligado.

Congresso precisa fazer um “mea-culpa”

Foto: Fotos Públicas

Apesar de, segundo os especialistas, as leis brasileiras garantirem que pessoas LGBTI+ não possam ser discriminadas no local de trabalho, há uma carência de leis específicas para esse público.

Outra imprecisão nos dados do MPT é que muitas vítimas, ao fazerem as denúncias, listam o problema como abuso hierárquico ou assédio moral, o que dificulta a contabilização. O órgão trabalha para que o filtro “identidade de gênero” seja incorporado à plataforma de denúncias.

“O que a gente tem como LGBTI+ são decisões judiciais, que são mais frágeis do que ter uma legislação mesmo. Não temos legislação porque não passa no Congresso. Enquanto a sociedade como um todo tiver preconceito, o representante dela também vai ter. O caminho é empregar, mostrar que somos capazes, dar visibilidade, para a sociedade mudar. A sociedade precisa cobrar do Legislativo. Precisamos de leis específicas e mais sólidas”, explica a advogada Márcia Rocha.

Ainda que concorde que a lei brasileira é mais avançada do que a norte-americana, o senador Fabiano Contarato (Rede-ES) - primeiro senador declaradamente

gay do Brasil - acredita que é preciso um mea-culpa do Congresso.

“Todas as conquistas da população LGBTI+ foram por decisão judicial, não por força de lei. Quando o Supremo equipara a homofobia ao racismo é porque nós do Congresso não legislamos sobre isso, quando há determinação de adotar o nome social, o direito ao casamento civil, colocar o companheiro como dependente no Imposto de Renda, receber pensão por morte ou invalidez, tudo foi pelo Judiciário. Nenhum direito se deu pelo Legislativo”, explica.

A deputada estadual Érica Malunguinho (PSOL-SP), primeira mulher transexual a ocupar o cargo, afirma que as leis são fundamentais, mas não são o suficiente. “Uma lei sozinha tem pouca funcionalidade se não houver um pacto social voltado para a mobilização dessa legislação, com processo de formação nos espaços escolares e apoio dos Estados.”

Para ela, recorrer à Justiça para decisões que deveriam já estar acordadas na sociedade “denuncia a violência, o estigma, o preconceito e a discriminação”. “É uma prova do quão incipiente os outros poderes ainda são na caminhada de romper com esses estigmas”, finaliza.

Famílias se engajam à luta do movimento

Novo Fundeb: votação precisa ser urgente para evitar extinção

Principal fundo financiador do ensino básico e público do país pode deixar de existir se não for incluído no corpo da Constituição

Márcia Dementshuk
Especial para A União



O principal fundo financiador do Ensino Básico público no Brasil, o Fundeb, deixará de existir em 2021 se a Proposta de Emenda Constitucional do Novo Fundeb não for votada no Congresso Federal em tempo de ser inserido no orçamento do próximo ano. Parlamentares ligados à Educação se mobilizam para evitar o pior. A pauta é urgente, embora a PEC 15, que traz a nova proposta, esteja tramitando desde 2015; são necessários 308 votos favoráveis dos deputados – dos quais dependem quase 48 milhões de estudantes brasileiros em escolas públicas (exatamente 47.874.246 - Censo Escolar 2019 /INEP).

A Lei (Nº 11.494/2007) em vigor que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) tem prazo de vigência até dezembro de 2020. Segundo a deputada Rosa Neide (PT-MT), a PEC 15 apresenta um texto que traz o Fundeb de forma permanente para o corpo da Constituição. “É fruto de um trabalho conjunto, uma articulação com diversos entes, parlamentares, governadores, entidades de prefeitos, de secretários da educação, conselhos, organizações da sociedade civil, com a consultoria técnica das duas casas. Foi

debatido em mais de 250 encontros em todo o país até que se chegasse a um consenso partilhado com a sociedade brasileira”, falou a parlamentar na última terça-feira, durante a Semana da Ciência e da Educação Pública Brasileira. O evento foi promovido pelas seis frentes parlamentares ligadas à Educação no Congresso Nacional, que são as seguintes: em Defesa do Plano Nacional de Educação; pela Valorização das Universidades Federais; em Defesa da Escola Pública e em Respeito ao Profissional da Educação; em Defesa dos Institutos Federais; Mista da Educação; e de Incentivo à Leitura.

A deputada Dorinha (DEM-TO), relatora da PEC 15, esteve em João Pessoa em junho do ano passado, durante uma reunião do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed). Ela apresentou o texto, recebendo o apoio do Consed.

A Educação fora da pauta

A Câmara dos Deputados não têm pautado a educação nesse período crítico vivido pelo Brasil. “O tema educação não está presente no Congresso Nacional em tempos de pandemia. Neste ano foi tratado somente o Fundo de Financiamento Estudantil, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, e o ENEM, que ficou no Senado, não chegou à ir para a Câmara”, informou o deputado federal Ildivan Alencar (PDT-CE).

O deputado salienta: “A representação política em Brasília é intrigante. Há bancadas numerosas,



Fotos: Delmer Rodrigues

Quase 48 milhões de estudantes brasileiros em escolas públicas podem ser prejudicados se a PEC 15 não for aprovada dentro do prazo

como a bancada evangélica, com 120 parlamentares; a ‘bancada da bala’, com 108; a bancada do agronegócio, com 105. Enquanto que a bancada da educação é ínfima, cabem todos em uma Kombi (não chega a 20 parlamentares), apesar dos 513 deputados afirmarem em seus discursos que educação é prioridade. A Educação tem pouca força na representatividade política no parlamento, por

isso a pauta não chega à Mesa”.

De acordo com a deputada Rosa Neide, no último domingo o Presidente da Câmara, Rodrigo Maia, esteve reunido com parlamentares das frentes e com a relatora da PEC 15 para discutir a possibilidade de o texto ir para Plenário e afirmou que deverá ser votado nas próximas semanas.

Contudo, a Agência Câmara de

Notícias publicou que Rodrigo Maia deverá apresentar um novo parecer sobre a proposta considerando o ritmo de crescimento do valor da participação do governo no financiamento, devido à crise do coronavírus. A proposta em discussão na Câmara aumenta, gradativamente, a participação da União nos recursos, indo dos atuais 10% para 20% até 2026. Maia quer rever esses prazos.

Montante destinado à PB chega a R\$ 1 bilhão

O Fundeb é a principal fonte de financiamento da educação, com participação em cerca de 64% da educação básica brasileira, desde a creche ao Ensino Médio, e equivale a 2,3% do PIB. É responsável pelo pagamento de professores, trabalhadores da educação e por manter a escola funcionando.

Na Paraíba, onde 969.806 pessoas estudam em escolas públicas (INEP/2019), os recursos ultrapassaram R\$ 1 bilhão, o que é dividido entre os municípios e o Estado. O valor distribuído é calculado por estudante matriculado. Em 2019, o valor total do Fundeb foi de R\$ 156,3 bilhões (90% pelos estados, DF e municípios). Os 10% do Governo Federal complementam o fundo para nove estados – sete do Nordeste (a PB está entre estes) e dois do Norte. O novo Fundeb propõe o aumento da participação da União, uma vez que o sistema brasileiro concentra a arrecadação das receitas na União, que arrecada 70% dos tributos; estados 25%; e municípios, 5%.

Da forma como é executado hoje, esse complemento visa um auxílio aos nove estados que tenham grande número de municípios pobres, numa tentativa de equiparação do valor distribuído aos estados mais ricos. O problema desta solução é que municípios pobres de outros estados ficam de fora do complemento. O novo Fundeb tenta corrigir essa distorção, considerando a distribuição aos mu-

nicipios. Com o aumento da participação da União, será possível ampliar a distribuição de recursos.

O Novo Fundeb vai considerar as redes de educação dos municípios e não apenas os estados como um todo, o que permitirá o atendimento a municípios pobres em estados que não receberiam determinado recurso em função da colocação estadual mais rica.

Brasil gasta pouco e bem

A educação pública brasileira passou a ser direito dos cidadãos em 1988 com a Constituição, mas não tinha fonte de financiamento, obtida só em 1997, quando nasce o Fundef, que financiava apenas o Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano). Em 2006, promulgado em 2007, nasce o Fundeb, englobando creche e Ensino Médio. Mas o Fundeb nasceu com prazo de validade de dez anos.

Desde 2017 está instalada no Congresso Federal a comissão especial presidida pelo deputado João Carlos Bacelar (PODE-BA) para tornar o fundo permanente. Em muitos municípios os recursos para educação vindos do Fundeb são maiores do que os repasses do Fundo de Participação dos Municípios.

O deputado Bacelar ressaltou que “se diz que o Brasil gasta muito e mal em educação básica. Não é por aí. O Brasil gasta pouco e bem. E há pouco

tempo”. Ele comparou os valores do Brasil com os indicados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Aqui, os investimentos em educação básica pública anual são de US\$ 3.800,00. A média de gastos na educação básica de países de acordo com a OCDE é de US\$ 9.300,00. O piso salarial de um professor, em média, no Brasil, é de US\$ 14 mil por ano. Pela OCDE, esse salário é de, em média, US\$ 35 mil. “E, por incrível que pareça, há avanços na educação brasileira, no que diz respeito à qualidade, graças aos professores, à comunidade acadêmica, à pressão de organizações não governamentais.”

Uma política de Estado

O deputado estadual Buba Germano (PSB-PB) chama a atenção para a construção política tripartite da responsabilidade da Educação básica, que inclui os entes federal, estadual e municipal. “Esse ano precisa ser votado imediatamente o Novo Fundeb; é o que gera receita para os municípios brasileiros. É uma política de Estado. A educação precisa resolver o problema do acesso à Internet. A maioria das escolas têm cerca de 2M de velocidade de acesso. O que é isso? Vemos com a pandemia o quanto as ferramentas tecnológicas são necessárias para as escolas. E equipá-las depende de financiamento”.



O Fundeb ajuda a pagar professores, trabalhadores da educação e mantém as escolas funcionando

CEE-PB faz apelo aos parlamentares

O Conselho Estadual de Educação da Paraíba (CEE-PB) engrossa o coro pela votação do Novo Fundeb. Para o presidente, Carlos Enrique Ruiz, “a votação que se aproxima sobre o Novo Fundeb ganha relevância ainda maior nos tempos contemporâneos, tendo em conta a queda da arrecadação dos Estados e Municípios, em função da pandemia que assola a toda sociedade brasileira”.

Em vista da queda na arrecadação, o Congresso Federal aprovou a PLP 39/20 mas não fez vinculação de recursos. Estados e municípios já receberam a primeira parcela, mas os

recursos poderão ser gastos em qualquer área e entende-se que nesse momento a saúde pública e as condições sociais são prioridade. Por outro lado, as aulas não presenciais exigem recursos de tecnologia e excluem aqueles que não têm condições. As escolas precisam ser preparadas fisicamente, as pessoas precisam ser preparadas física e mentalmente.

Neste sentido, o Conselho Estadual de Educação da Paraíba, conclama aos congressistas paraibanos que votem para tornar o FUNDEB permanente, da forma como tramita a Proposta de Emenda Constitucional.

Principais Proposições do Novo Fundeb (PEC 15/15):

- Colocar o Fundeb no corpo constitucional e ser um instrumento permanente de financiamento.

- Ampliação progressiva da complementação.

- Propõe sistema híbrido para distribuição da complementação federal, (alcança os municípios mais pobres em todos os estados).

- Constitucionaliza a destinação dos recursos do pré-sal para a educação, como já definida em lei atual (Lei Nº 12.858/2013).

- Utilização dos recursos do fundo para valorização dos profissionais da educação e piso.

- Reforma tributária: na hipótese de extinção ou modificação de nomenclatura ou substituição de impostos, o montante dos recursos vindos à MDE será equivalente.

- A adição dos recursos ao Fundeb não terá apropriação do salário educação; o mesmo continuará sendo fonte de financiamento dos programas de alimentação escolar, transporte escolar e livro didático, como é atualmente.

(Fonte: Deputada Federal Rosa Neide)

Censo Escolar 2019 – INEP – Estudantes de escolas públicas na PB

■ Educação Infantil	159.865
■ Ensino Fundamental	548.659
■ Ensino Médio	135.458
■ Educação Profissional Técnica de Nível Médio	33.257
■ Educação Profissional	-
■ Formação Inicial Continuada	703
■ Educação de Jovens e Adultos	113.110
■ Educação Especial	23.640
Total matriculados	969.806



Foto: Arquivo do Jornal A União



Foto: Arquivo de família



Vovô Cilaio, o “pai” de Benedito e Genoveva

Dramaturgo Cynthio Cilaio Ribeiro encantou a Paraíba com seu amor e dedicação ao teatro de bonecos

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Benedito e Genoveva eram bonecos que faziam a alegria da criançada nos tempos áureos da Festa das Neves. O cenário eram as ruas do Centro Histórico de João Pessoa, pertinho da Catedral de Nossa Senhora das Neves. Os dois bonecos ventríloquos eram as principais “ferramentas” de trabalho do paraibano Cynthio Cilaio Ribeiro, que descobriu na ventriloquia a paixão pela arte. Daí, enveredou pelo rádio, teatro e cinema, contracenando com os grandes nomes da época. Nascido em 4 de dezembro de 1902, numa casinha situada na Rua Cardoso Vieira – antiga Rua Mata Negro – o artista engrandeceu a cultura paraibana com sua versatilidade. Morreu em 1980, aos 77 anos, mas sua história está imortalizada nos filmes e na memória de quem o conheceu.

Com muita criatividade, ainda no início

da carreira, montava sua “casa de espetáculos”, num cantinho próximo ao Mosteiro de São Bento, nos arredores de onde acontecia a festa da padroeira. Com apresentações que chamavam a atenção de quem passava, Cilaio montou, junto com seus irmãos Chico e Lourival, várias companhias, e trabalhou em teatros da capital, entre eles, o Santa Roza e o Piollin. Foi ainda diretor artístico de vários grupos teatrais, entre eles, o Teatro de Amadores da Paraíba, Sociedade Littero-Dramática 25 de Dezembro e Grupo Genésio de Andrade.

Incansável e querendo se aperfeiçoar cada vez mais, ele não se contentou em apenas dirigir, entrando em cena também como ator em peças como ‘O coração não envelhece’ e ‘Rosa de Nossa Senhora’. Das encenações no tablado saltou para o cinema, atuando em filmes como ‘Salário da Morte’, de Linduarte Noronha, e ‘Menino de Engenho’, de Valter Lima Júnior, no qual contracenou com o ator Antônio Pitanga.

Atuação no cinema

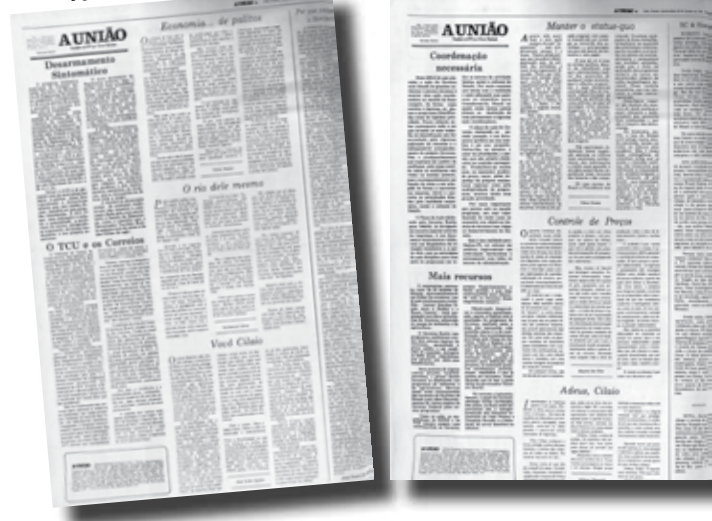
Além do teatro e cinema, Cilaio atuou em TV e também no rádio, com o programa ‘Vovô, conte-me uma história’, na Rádio Tabajara, encenando histórias que eram enviadas pelos ouvintes. Defensor do teatro nacional, o artista jamais desistiu de lutar pelo reconhecimento da dramaturgia como peça fundamental da cultura. O tempo passou, Cilaio envelheceu, mas os sonhos permaneceram.

Cabelos e barba brancos, passou a ser chamado de vovô Cilaio. Em sua trajetória, lutou pelo teatro na Paraíba. Era algo que se fazia por amor. Por influência do pai e dos irmãos, transformou a própria casa em cenário para peças amadoras. Foi ali que tudo começou. Esteve em cena até os 73 anos, quando atuou em sua última peça, ‘Hoje a banda não sai’. E então, as cortinas se fecharam.

Foto: Reprodução



Foto: Arquivo do Jornal A União



O escritor José Leite Guerra e o teatrólogo Altemar Pimentel destacam, em artigos para A União, o trabalho do dramaturgo paraibano com seus fantoches

Memória do artista precisa ser preservada

Cilaio Ribeiro viveu seus últimos dias numa casa em frente ao mercado público do bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, e costumava veranear junto com a família em um imóvel na Praia do Poço, município de Cabedelo. Era nesta casa onde ele costumava deitar em uma rede na varanda e contar histórias para os netos, e é lá que a família pretende criar a Fundação Cilaio Ribeiro, resgatando todo o acervo que existe sobre ele para manter viva sua memória.

A família descreve Cilaio como um homem de grande coração, que dividia tudo o que tinha. Chegou a passar dificuldades antes de se tornar auditor fiscal, mas nunca se deixou abater. Por outro lado, em entrevistas já concedidas, os parentes lamentam que o artista seja pouco reconhecido, apesar de sua contribuição para a cultura paraibana. Daí veio a ideia de se escrever um livro sobre ele, contar a história, como tudo começou, sua paixão pelo teatro de

bonecos, a animação que promovia nas festas infantis com Benedito e Genoveva, e justificando a importância do artista para o cenário cultural do Estado.

Teatro leva seu nome

Como forma de homenagem, a Federação Paraibana de Teatro Amador inaugurou, em 1987, o Teatro Cilaio Ribeiro, localizado na Avenida General Osório. A casa tem uma bela arquitetura externa, assim como a arte em sua fachada,

que chama a atenção.

Palco de diversos espetáculos ao longo de sua história, o teatro foi espaço também de formação de artistas amadores. Porém, acabou sendo desativado em 2005, passando a ser um anexo do Centro Cultural Thomas Mindello, onde hoje funciona o Centro Estadual de Artes (Cearte), escola de arte que oferece cursos livres, técnicos e de extensão, além de pesquisas e projetos de arte cultura e educação.

Depoimentos

“Conheci o trabalho de Cilaio no final da década de 50, início de 60, quando entrei no teatro. Infelizmente, como todos os artistas, acabou sendo esquecido. Poucos fazem o trabalho de ventríloquo que ele fazia, mas isso a gente não tem nos livros, não trabalha nas escolas. Assim como ele, Ednaldo do Egypto e tantos outros ficaram no esquecimento. Eu assisti poucas apresentações e não tinha aproximação com Cilaio, só um abraço no final do espetáculo. Mas acompanhei e sei que seu trabalho foi bonito, rico e interessante. Lembro que ele falava de coisas da Paraíba, procurava dar um cunho pedagógico e bem da terra às apresentações. O que se tem hoje de homenagem é muito pouco para o que ele representa. Minha indignação é não ter um museu, não ter foto dos artistas locais para que não caiam no esquecimento. Tem que passar isso para a juventude conhecer seus valores”

Zezita de Matos
atriz

“Quando era criança, não lembro exatamente a idade, o meu pai levava a mim, meu irmão e minha irmã para passear na Festa das Neves, que era um evento exuberante cheio de atrações, entre estas, uma barraca de bonecos articulados que nos fascinavam enormemente. Durante alguns anos, fizemos este ritual, e ficou na lembrança aquelas figuras fantásticas que nos excitavam a imaginação. Somente um tempo depois é que ouvi falar do autor daquele espetáculo, que era Cilaio Ribeiro, e pude participar da implantação do Teatro Cilaio Ribeiro, que fica no prédio da Cearte no centro da cidade, apresentando os espetáculos, sob minha direção, ‘O Caboré’ (1989), texto de Tarcísio Pereira, e ‘Perdoa-me por me traíres’, de Nelson Rodrigues.”

Everaldo Vasconcelos
coordenador do Departamento de Artes Cênicas da UFPB

“Vovô Cilaio soube estender-se além da velhice para reencontrar, no meio dos pequeninos, a linguagem eterna de quem se mantém pirralho em deboche às rugas e cabelos brancos. Está provado que o menino permaneceu no velho até o momento do renascer. E deve ter continuado, entre luzeiros indefinidos, o espírito de Cilaio Ribeiro a divertir os habitantes do céu. Tão puro o seu sorriso de criança que não se lhe exigiu sequer passaporte para entrar na Glória.”

José Leite Guerra
escritor – em artigo sobre a morte de Cilaio Ribeiro, na edição de 29 de janeiro de 1980 do Jornal A União)

MARMITANDO
COM O CHEF WALTER ULYSSES



Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante, em João Pessoa, e tem Especialização na Le Scuole di Cucina di Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Ilustrações: Reprodução/ Freepik

Esperar em São Pedro!



O nordestino tem uma crença muito grande pelos Santos juninos Santo Antônio, São João e São Pedro.

E hoje, 28 de junho, é véspera de São Pedro. Com as coisas tão difíceis nesta pandemia só temos que pedir e suplicar: valei-me, São Pedro.

A coisa não tá fácil para ninguém, e pude ver bem de perto na semana do São João, em uma viagem ao interior com minha família, como as pessoas do ramo de gastronomia vêm passando bastante



necessidade, fora os que já fecharam as portas. Poucos são os restaurantes de beira de estrada, e mesmo assim o movimento é pouco, por conta do baixo fluxo de pessoas em viagem. Eu, por exemplo, viajei para o sítio da família.

A Igreja Católica acredita que São Pedro tem a chave do céu, então, não estáamos pedindo a qualquer santo uma ajuda

vinda do alto, mas ao santo que também é muito adorado no nosso Nordeste, que também é o Santo padroeiro dos pescadores.

O Governo Federal tem informado uma linha de crédito que os bancos podem liberar para ajudar as empresas. Com isso, serão de juros baixos e vão favorecer os banqueiros. Mesmo com todo esse milagre que o Governo Federal quer fazer com os banqueiros, não conheço ninguém que conseguiu o tal empréstimo para ajudar a sua empresa a não se afundar, ou mesmo levantar o que já está caído. Sei que é uma crise mundial, mas o povo brasileiro sofre. Não temos que ter orgulho em ver pessoas falarem que o brasileiro sofre mas tem força para lutar e refazer tudo.

Eu morei fora do país e vi como essas palavras são muito faladas por brasileiros fora, e eu não me via nessa de me orgulhar por ser um povo sofrido mas que luta pelos seus ideais. Acho que temos que ter os ideais sem ser sofrido, isso sim é ter orgulho do povo que somos.

E, nessa véspera de São Pedro, aí sim tenho orgulho de ser o nordestino que sou, de pedir e rogar ao nosso padrinho São Pedro e santo. Sei que neste dia o que mais o nordestino suplica é chuva. Mas venho pedir, por tuas mãos e interseção junto ao Pai, a misericórdia pelo povo sofrido com essa doença. E que possamos sair dessa situação sem chegar tão rápido para que o Senhor nos receba na porta do céu, amém!

Valei-me, São Pedro!

PRATO DO DIA

Bolo de milho de liquidificador

Ingredientes

- 1 lata de milho verde
- 1 a mesma medida da lata de fubá de milho
- ½ medida da lata de açúcar
- 1 leite condensado
- 3 ovos
- ½ medida da lata de óleo
- 1 colher de fermento em pó (biológico)

Modo de preparo

- Bater tudo no liquidificador por cinco minutos.
- Untar uma boleira com manteiga e farinha e deixar em fogo a 180° por 45 minutos.



Foto: Arquivo pessoal

PITADAS A GOSTO



O milho é a planta comercial originária das américas mais importante no cenário agrícola. A origem do milho ainda é muito discutida, já que a gramínea pode ter surgido tanto do Paraguai até a Colômbia, quanto da Guatemala até o México. Porém, essas indicações ainda não são muito bem definidas.

De acordo com as evidências, é possível que seja originária do México. Isso porque é uma espécie pertencente à família *Gramineae/Poaceae*, cujo parente mais próximo acredita-se ser o *Teosinto* (*Zea mays spp. parviglumis*), o qual seu registro se restringe ao Vale Central de Balsas, no México.

A distribuição natural de todos os táxons de teosinto está dentro de algumas das melhores terras agrícolas cultivadas no México e Guatemala e se encaixa na área cultural de antigas civilizações, como a mexicana e a maia.

• Quem gosta de doces tem que dar uma olhada no Instagram @docecarolinajp. São brigadeiros, tortas, docinhos personalizados feitos com açúcar, muito amor e afeto, como eles se descrevem no perfil da rede social. Além disso, eles também desenvolvem kits com caixinhas com a ideia do cliente.

• O serviço de delivery da Verd Nova Hortifruti continua a todo vapor. A empresa entrega frutas e verduras em toda João Pessoa e seus produtos são muito bem selecionados e embalados. Tudo chega na casa do cliente organizado e higienizado. Os pedidos são solicitados através do perfil no Instagram @verdnova.

• O Bobó da Mabelle – empresa especializada em camarão – atende clientes aos sábados, domingos e feriados através do número do WhatsApp 99677-7156. É um almoço ideal para curtir o domingo em casa com a família. O melhor é que ela aceita cartões. O Instagarm para dar uma conferida no cardápio é o @bobo_da_mabelle.